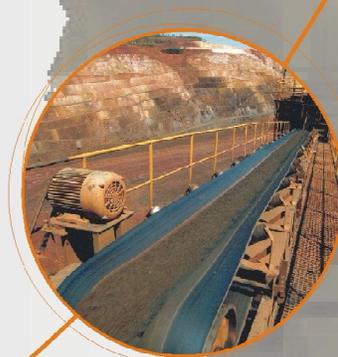


Informe Mineral

Desenvolvimento & Economia Mineral

2º Semestre 2006

ISSN 1807-0388



Sumário

Apresentação

Editorial

- I. Ambiente Econômico**
- II. Evolução do Risco Brasil (2002-2006)**
- III. Desempenho do Setor Mineral**
- IV. Balança Comercial do Setor Mineral**
- V. Desempenho da Arrecadação de CEFEM**
- VI. Destaque**
- VII. Índice de Preços**



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

PRESIDENTE
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA

MINISTRO DE ESTADO
SILAS RONDEAU C. SILVA

SECRETARIA DE GEOLOGIA MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL

SECRETÁRIO
CLAUDIO SCLIAR

SECRETÁRIO ADJUNTO
CARLOS NOGUEIRA DA COSTA JUNIOR

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL DIRETOR-GERAL

DIRETOR GERAL
MIGUEL ANTONIO CEDRAZ NERY

DIRETOR-GERAL ADJUNTO
JOÃO CÉSAR DE FREITAS PINHEIRO

UNIDADE EXECUTORA
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO E ECONOMIA MINERAL – DIDEM

DIRETOR
ANTONIO FERNANDO DA SILVA RODRIGUES

DIRETOR SUBSTITUTO
KIOMAR OGUINO

DIRETORIA DE FISCALIZAÇÃO
DIRETOR: WALTER LINS ARCOVERDE

DIRETORIA DE OUTORGA E CADASTRO MINEIRO
DIRETOR: ROBERTO DA SILVA

DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E ARRECADAÇÃO
DIRETOR: MARCO ANTONIO VALADARES MOREIRA

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO
DIRETOR-SUBSTITUTO: ELINGITON DE BARROS SOARES

PROCURADORA-GERAL
PROCURADORA GERAL: ANA SALETT MARQUES GULLI

AUDITORIA INTERNA
AUDITOR-CHEFE: MARLON JORGE T. CUTRIM

ASSESSOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
RINALDO LISBOA ACCIOLY

ASSESSOR TÉCNICO - DIRE
PAULO RIBEIRO DE SANTANA

BRASÍLIA/DF
OUTUBRO DE 2006

APRESENTAÇÃO

O *Informe Mineral - Desenvolvimento & Economia Mineral* faz parte dos Estudos de Planejamento para o Setor Mineral - Ação do Programa de Gestão de Política Mineral, da Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral - SGM/MME, inserido na concepção do PPA 2004-2007: *Brasil - Um país de todos*.

Ao Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM compete o levantamento e sistematização dos indicadores estatísticos (SisMine) mínero-econômicos do País, condição *sine qua non* à análise dos mercados de *commodities* minerais e sua inserção nas economias nacional e internacional.

Na *Seção Destaque* desta 2ª Edição do Informe Mineral – 2006, procura-se fazer uma análise “*Sobre as Perspectivas de Preços da Commodities Minerais*”. O artigo construído com base em estudos e documentos elaborados por instituições de forte credibilidade internacional — Morgan Stanley Research Global (Oct 5, 2006), PricewaterhouseCoopers, World Bank, FMI entre outros — aponta prevalência de opinião de analistas econômicos sobre a sustentabilidade pela conformação de um *Grande-Ciclo de Preços* em contraponto à corrente que aposta no chamado fenômeno de ‘*bolha econômica*’ especulativa, no que se refere à cíclica alta de preços dos metais no mercado, fator decisivo na conformação do *Boom Mineral* da economia internacional neste início de século XXI.

Enfim, o *Informe Mineral - Desenvolvimento & Economia Mineral*, é parte integrante da Série de Estudos de Política e Economia Mineral da Diretoria de Desenvolvimento Econômico e Mineral – DIDEM, com periodicidade semestral, que consolida indicadores estatísticos e espelha o desempenho dos principais segmentos da Economia Mineral do País. Por oportuno, reitera-se aos cidadãos-usuários do Sistema MME que os estudos DIDEM-DNPM encontram-se disponíveis para consulta e *download* no Portal-DNPM:

<http://www.dnpm.gov.br>

Antônio Fernando da S. Rodrigues
Diretor - DIDEM

INFORME MINERAL 2006

Publicação

Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM

Setor de Altarquias Norte – Quadra 1, Bloco B

70041-903 – Brasília, DF – Brasil

Internet: <http://www.dnpm.gov.br>

Elaboração e edição

Diretoria de Desenvolvimento e Economia Mineral – DIDEM

E-mail: didem@dnpm.gov.br

Antonio Fernando da Silva Rodrigues, *Geól., MSc*

Diretor

Kiomar Oguino, *Geól.*

Diretor Substituto

Equipe Técnica

Carlos Augusto Ramos Neves, *Econ.*

Erick Elyso Reis Amorim, *Econ.*

Luciano Ribeiro da Silva, *Econ.*

Mathias Heider, *Eng. de Minas*

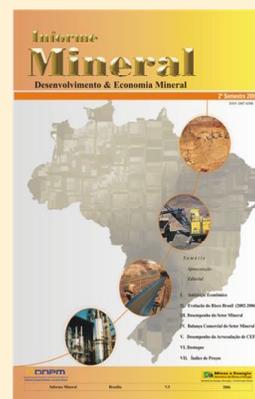
Telma Cano, *Econ.*

Colaboração

Celso Pinto Ferraz, *Geól. DSc.*

Alencar Moreira Barreto - *Arte*

Isabel Carvalho - *Jornalista (diagramação, edição e revisão)*



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
EDITORIAL	05
I. AMBIENTE ECONÔMICO	06
II. EVOLUÇÃO DO RISCO BRASIL-(2002-2006)	08
III. DESEMPENHO DO SETOR MINERAL	09
IV. BALANÇA COMERCIAL DO SETOR MINERAL	16
V. DESEMPENHO DA ARECADAÇÃO DE CFEM (<i>Royalty Mineral</i>)	19
VI. DESTAQUE - Sobre as Perspectivas dos Preços das Commodities Minerais	21
VII. ÍNDICE DE PREÇOS	27

I - AMBIENTE ECONÔMICO

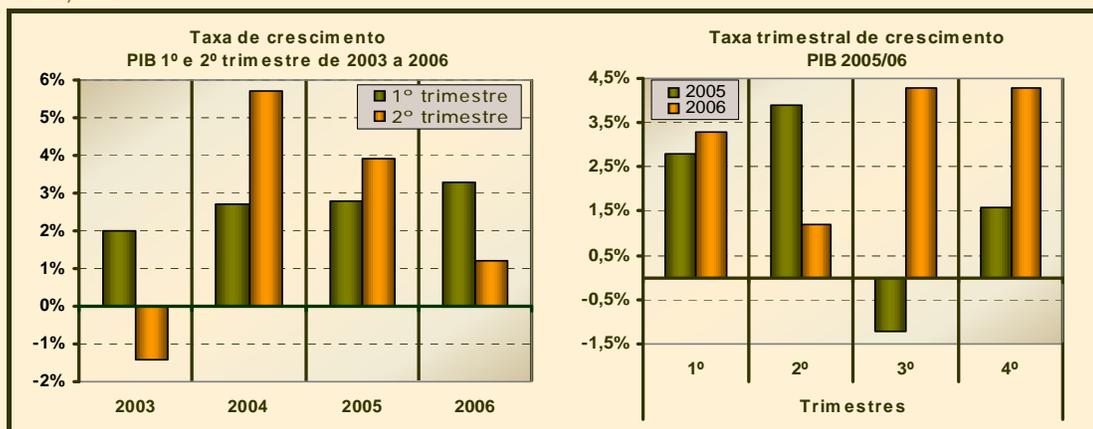
Conforme anunciado pelo IBGE, o PIB brasileiro apresentou expansão de 2,2% no 1º semestre de 2006, em comparação com mesmo período de 2005. Os três setores da economia apresentaram o seguinte desempenho: a) Indústria 2,6%, com destaque para a Extrativa Mineral (6,7%), seguida dos Serviços 2,3% e da Agropecuária 0,3%.

A Construção Civil, Serviços Industriais de Utilidade Pública e a Indústria da Transformação cresceram 4,7%; 2,8% e 1%, respectivamente. No setor de Serviços, as elevações mais significativas ficaram com Comércio (3,6%) e os Outros Serviços (2,9%). Também registraram avanços os subsetores de Aluguéis (2,4%), Instituições Financeiras e Transportes (2,2%). A Administração Pública aumentou 2% e as Comunicações, por sua vez, foi o único ramo com baixa de 1,5%.

atividades industrial e comercial (vendas no varejo), a alguns incentivos fiscais setoriais e a ampliação dos gastos públicos.

O desempenho fraco observado entre abril e junho tem como agravantes a greve dos fiscais da Receita Federal (que afetou diretamente aqueles segmentos industriais com alta dependência de insumos importados), as operações de manutenção em plataformas da Petrobras, a queda das exportações e o menor número de dias úteis (feriados + Copa do Mundo).

Não obstante o controle inflacionário e a trajetória de queda progressiva dos juros (taxa SELIC), atribui-se como principais fatores agravantes do desempenho a elevada carga tributária, à logística e infra-estrutura precária e baixa taxa de investimento em relação ao PIB (+20%).



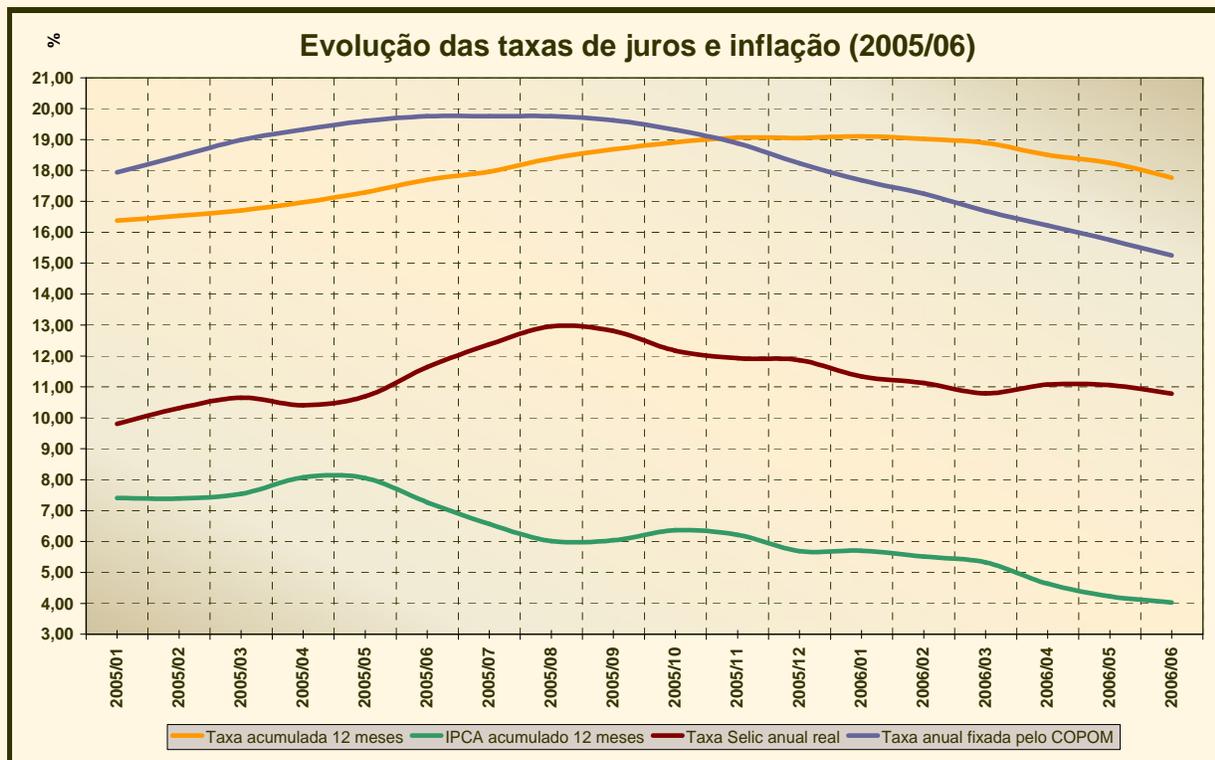
Fonte: Boletim de Conjuntura IPEA, vários. Nota: valores para o 2º sem. de 2006 são previsões do IPEA

As projeções iniciais do Governo para a expansão do PIB acima de 3,5% em 2006, mostram-se comprometidas face ao fraco desempenho da indústria. Enquanto janeiro, fevereiro e março apresentaram razoáveis 3,3% de expansão, alcançou-se modesto 1,2% no segundo trimestre.

A despeito desse discreto desempenho semestral, 2006 apresentou a maior taxa de expansão para um primeiro trimestre do atual governo, atribuindo-se esse crescimento: a queda dos juros básicos da economia, à expansão dos créditos e investimentos, o melhor nível de

É neste ambiente que o Banco Central (BACEN) iniciou uma série de cortes (0,25% a 0,50%) na taxa SELIC desde setembro de 2005, o que possibilitou uma redução de 4% (de 19,75% para 15,75%) em 10 meses.

Admitindo-se que as condições de oferta afetam os índices de inflação e que uma maior taxa de investimento é necessária para que o país cresça em ritmo mais acelerado, no mesmo ritmo da SELIC, segue a TJLP (encargo básico dos financiamentos concedidos pelo BNDES). De janeiro a março 9% a.a. e de abril a junho 8,15%.



Fonte: IPEA e BACEN

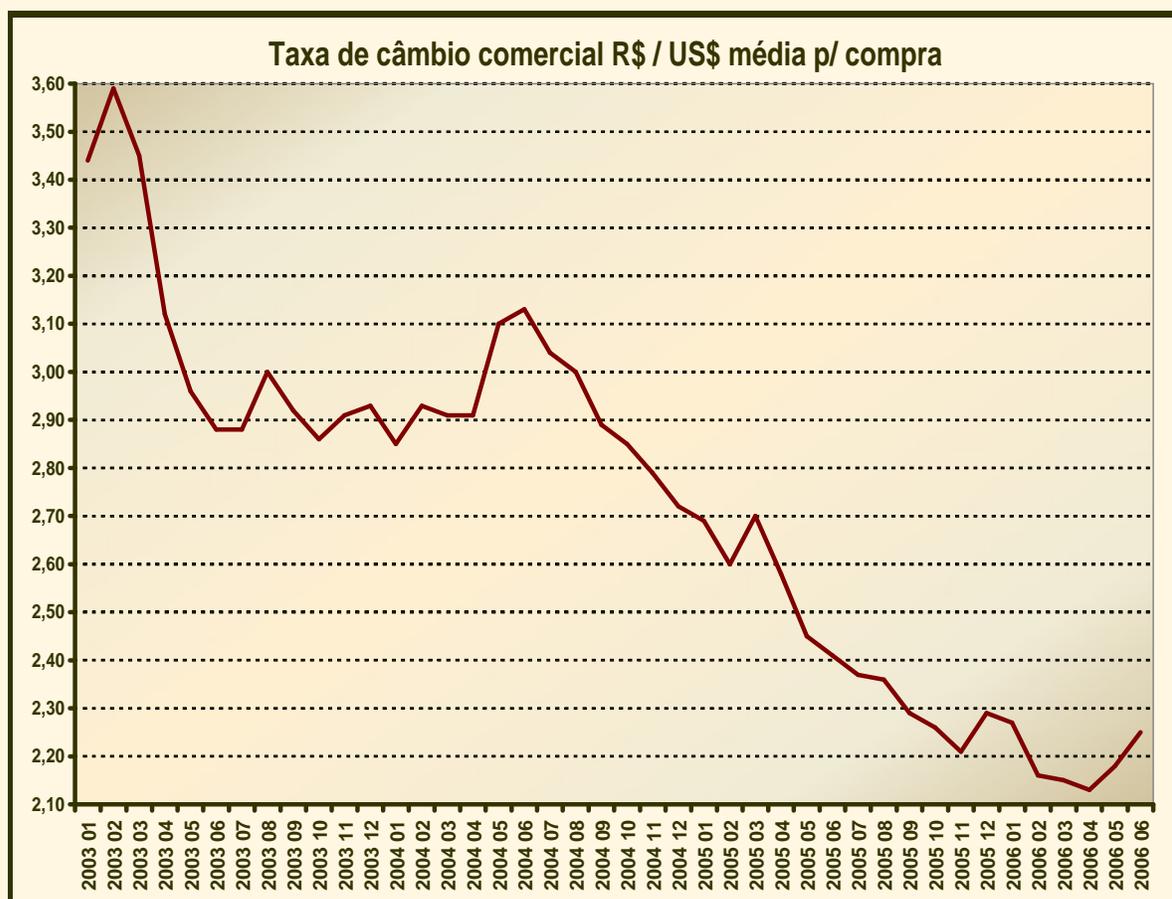
Observa-se no gráfico acima que mesmo após as reduções na SELIC (linha azul), a taxa de juros acumulada dos últimos 12 meses permaneceu ascendente até janeiro de 2006 (curva amarela). Ao mesmo tempo, observa-se que a SELIC descontada do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) continua praticamente estável no primeiro semestre de 2006 (curva vermelha). Logo, a taxa de juros real manteve-se elevada graças às reiteradas quedas da inflação (curva verde), que chegou a ser negativa em junho (-0,02%).

O primeiro semestre de 2006 também vivenciou a aceleração dos dispêndios públicos federais, uma vez que os gastos primários entre julho de 2005 e junho de 2006 atingiram o patamar recorde de 18,5% do PIB. Entre as despesas que mais cresceram destacam-se: pessoal, sociais, previdenciárias e transferências. Mais uma vez entre julho de 2005 e junho de 2006, constatou-se que o superávit primário (receitas menos despesas, exceto gastos com pagamento de juros) chegou a R\$ 90,71 bilhões

(4,51% do PIB). Deste montante, o Governo central (Tesouro Nacional, Banco Central e INSS) obteve R\$ 55,7 bilhões (2,68% do PIB), os estados e municípios, R\$ 19,2 bilhões (0,95% do PIB), as empresas estatais federais, R\$ 14,0 bilhões (0,70% do PIB) e as estatais municipais e estaduais, R\$ 3,7 bilhões (0,18% do PIB).

Conforme o IPEA, o expressivo superávit primário continua sendo sustentado pela elevação de receitas, sem ajuste pelo lado das despesas.

O real, por sua vez, valorizou-se em, aproximadamente, 15% em relação ao dólar no primeiro semestre de 2006 como consequência do elevado saldo comercial, da diminuição da dívida externa e da liquidez abundante no mercado internacional. Isto fez com que a maioria dos setores registrasse queda em seus índices de rentabilidade nas exportações, o que leva a concluir que os ganhos do Setor Mineral poderiam ter sido ainda maiores no período, uma vez que os preços das *commodities* minerais continuaram em ascensão.



Conforme *Relatório de Inflação* (v.8 - nº 3, set-2006) do BACEN, admite-se que a atividade econômica do Brasil seguiu em expansão no primeiro semestre, mantendo a tendência delineada desde 2003, em ritmo compatível com o processo de consolidação da estabilidade de preços.

É neste ambiente econômico que a demanda interna tem respondido pelo dinamismo das atividades, registrando-se elevação tanto nos indicadores de consumo quanto de investimentos, em sintonia com a consistência dos

fundamentos econômicos e redução do risco-país.

Ademais, os indicadores de mercado de trabalho têm registrado expansão da ocupação e estabilidade da taxa de desemprego, com desdobramentos favoráveis sobre o nível de rendimento real.

Enfim, mesmo num contexto internacional favorável como o atual, atribui-se que o baixo crescimento do Brasil, tem raízes nos gargalos estruturais que limitam a taxa de expansão do país a algo entre 3% e 4% ao ano.

II - EVOLUÇÃO DO RISCO BRASIL-(2002-2006)

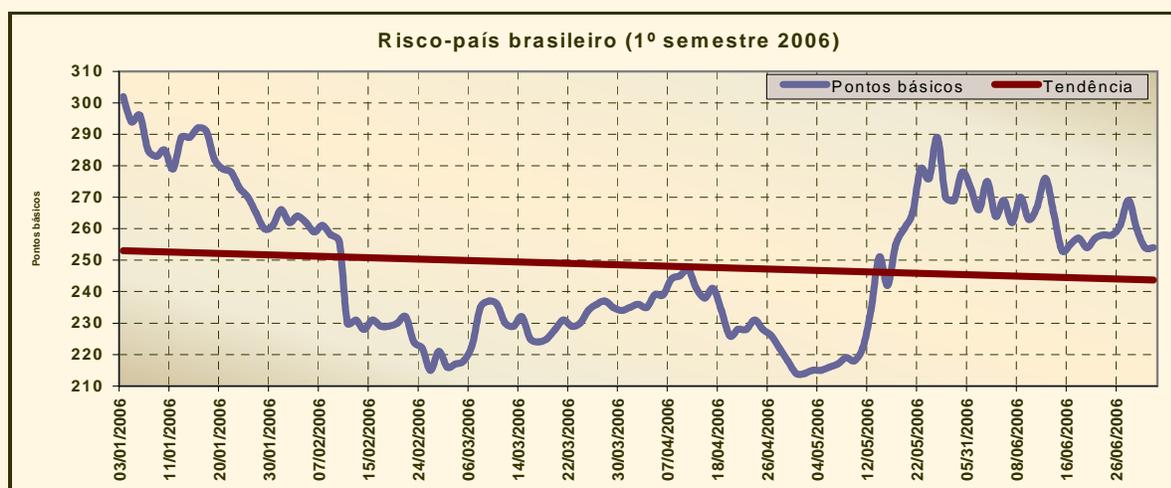
Averigua-se, a partir dos gráficos a seguir, que o Brasil vem sendo paulatinamente melhor avaliado pelo mercado financeiro internacional desde o período eleitoral de 2002. Este processo não é, obviamente, linear. Não se pode esperar que o país atinja o chamado “grau de investimento” em poucos meses, nem que

não haja reverses pelo caminho. A consecução desta meta, entretanto, não implicará, por si só, num novo ciclo de inversões de longo prazo em bens de capital e infra-estrutura semelhante ao observado na Era Vargas ou entre as décadas de 1950 e 70.



Nos primeiros dois meses, de 2006, o risco-país caiu quase continuamente. Contudo, de março em diante, o índice apresentou grande volatilidade em virtude, principalmente, da indefinição sobre o rumo da taxa de juros básica dos Estados Unidos e do agravamento da crise no Oriente Médio.

A eliminação dos títulos da dívida interna indexados pelo dólar no final de 2005 e a queda mais acentuada da inflação são os destaques internos positivos, enquanto o aumento do gasto público negativo. Já a proximidade das eleições presidenciais parece não ter afetado negativamente o nível de risco.



Devem ser ressaltados os níveis excepcionalmente baixos de risco alcançados em meados do primeiro semestre de 2006 (214 pontos em 01/05, com uma média de, aproxima-

damente, 248 para o período), mas se faz necessário compreender a capacidade de gerar efeitos sobre a economia real que esta conquista tem.

III - DESEMPENHO DO SETOR MINERAL

A Indústria Extrativa Mineral-IEM (incluindo petróleo e gás) obteve desempenho substancialmente superior ao da indústria de transformação em 2005, registrando-se 10,9% de expansão. No primeiro semestre de 2006, o desempenho da IEM mantém-se hegemônica, apresentando uma evolução da ordem de 6,7%.

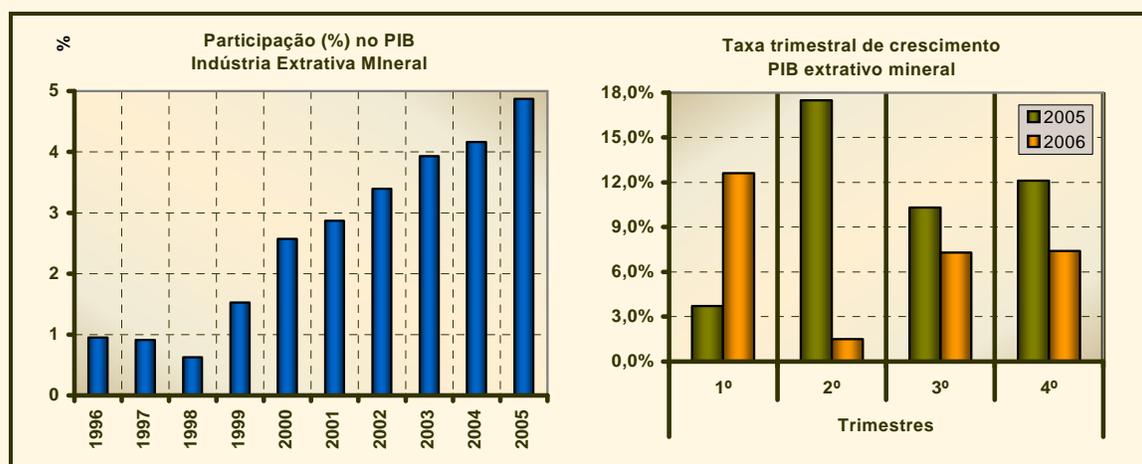
No primeiro trimestre deste ano, as taxas de ambos foram semelhantes (3,6 e 3,7% respectivamente), mas no segundo trimestre o setor de mineração, petróleo e gás cresceu 17,5%, nada menos que 16% a mais que a transformação.

PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA EXTRATIVA MINERAL			
Ano	Taxa anual real de crescimento	PIB Extrativo Mineral a preços correntes (nominal)	Participação da Indústria Extrativa no PIB real ¹
1996	5,97%	R\$ 6.617.007	0,95%
1997	5,26%	R\$ 7.118.576	0,91%
1998	7,43%	R\$ 5.149.762	0,62%
1999	0,71%	R\$ 13.287.231	1,52%
2000	10,35%	R\$ 25.268.807	2,57%
2001	3,69%	R\$ 30.538.288	2,87%
2002	6,72%	R\$ 40.724.617	3,39%
2003	2,87%	R\$ 54.888.089	3,93%
2004	-0,71%	R\$ 65.894.308	4,16%
2005	10,9%	R\$ 84.250.317	4,87%

Fonte: IPEADATA (<http://www.ipeadata.gov.br>). Nota: (*) petróleo e gás natural incluídos.

Portanto, as taxas de crescimento do Mineralnegócio também foram melhores que as do Agronegócio, Construção Civil e Serviços (0,8%, 1,3% e 2% em 2005 e 0,25%, 4,8% e

2,3% para o primeiro semestre de 2006). Este maior dinamismo está assegurando uma participação crescente da mineração no PIB brasileiro.



Por outro ângulo, as empresas de mineração e siderurgia conquistaram nos últimos anos uma valorização expressiva na Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA). Os dados mostrados na tabela a seguir dizem respeito

ao retorno financeiro para o investidor das principais organizações que têm capital aberto no mercado financeiro. O retorno calculado expressa quanto o capital valorizou de janeiro de 2005 a junho de 2006.

EMPRESA	TIPO DE AÇÃO	SETOR DE ATUAÇÃO	RETORNO OBTIDO 18 MESES
PARANAPANEMA	PREFERENCIAL	COBRE	32,29%
PARANAPANEMA	ORDINÁRIA	COBRE	92,99%
CONFAB	PREFERENCIAL	FERRO E AÇO	48,78%
ACESITA	ORDINÁRIA	SIDERURGIA	18,40%
ACESITA	PREFERENCIAL	SIDERURGIA	6,98%
GERDAU	ORDINÁRIA	SIDERURGIA	64,62%
GERDAU	PREFERENCIAL	SIDERURGIA	72,47%
CSN	ORDINÁRIA	SIDERURGIA	85,46%
USIMINAS	PREFERENCIAL	SIDERURGIA	73,41%
VALE	ORDINÁRIA	MINERAÇÃO	53,54%
VALE	PREFERENCIAL	MINERAÇÃO	55,76%
IPIRANGA REFINARIA	ORDINÁRIA	PETRÓLEO E GÁS	109,29%
PETROBRÁS	ORDINÁRIA	PETRÓLEO E GÁS	99,72%
PETROBRÁS	PREFERENCIAL	PETRÓLEO E GÁS	94,59%

A ação ordinária é a que dá direito a voto ao acionista, ou seja, que permite o controle da empresa. À ação preferencial, como regra geral, não é concedido o direito de voto. Para compensar este fato, o papel preferencial deve oferecer alguma vantagem como, por exemplo, um dividendo maior do que o pago às ações ordinárias.

Nas análises de mercado, verifica-se que as ações preferenciais são mais sensíveis às

expectativas de lucro no curto prazo, por ter uma prioridade na distribuição dos mesmos, enquanto às ordinárias são mais focadas nos objetivos de crescimento de longo prazo da empresa.

No caso das ações analisadas, observa-se que tanto as preferenciais quanto às ordinárias apresentam alto rendimento, concluindo-se que o mercado acredita tanto nos lucros de curto prazo quanto nos fundamentos estruturais do setor no longo prazo.

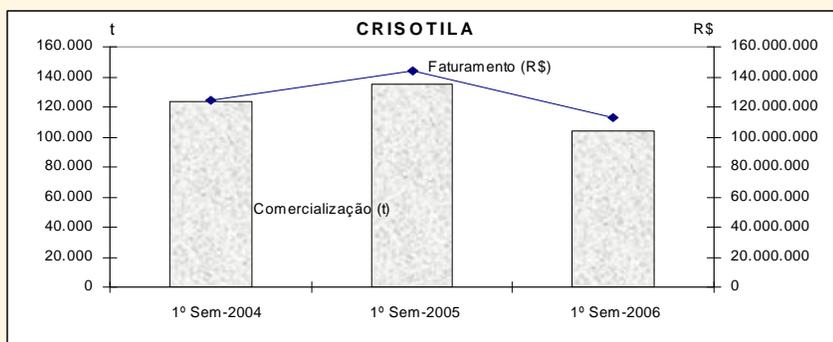
DESEMPENHO POR SEGMENTO PRODUTIVO AMIANTO

A produção nacional atém-se à variedade crisotila, cujas quantidades produzidas e comercializadas nos seis meses iniciais de 2005 foram de 129,3 mil t e 135 mil t, respectivamente. Em 2006, porém, apenas 104,1 mil t foram vendidas e 105,3 mil t, produzidas. Assim, verifica-se que ocorreu redução de 22,8% no *quantum* vendido e 18,5% no montante produzido.

Embora o preço médio do amianto tenha crescido 1,19% na comparação dos semestres iniciais de 2005 e 2006, o valor da produção reduziu-se em 21,9%. As vendas de janeiro a ju-

nho de 2005 somaram R\$ 144,1 milhões, mas não passaram dos R\$ 112,5 milhões no mesmo período de 2006.

Houve redução na quantidade produzida e, por conseqüência, no valor da produção de amianto nos meses iniciais de 2006 por razão das férias coletivas concedidas pela SAMA S.A. Tal medida decorre do esfriamento das vendas no mercado interno e da perda de competitividade externa oriunda da valorização cambial, com o fator agravante das restrições legais ao uso do amianto, crescente em diversos países.



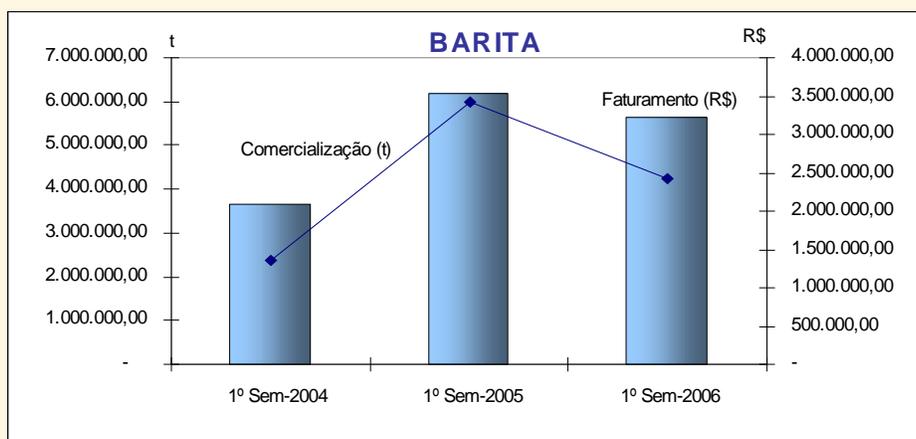
BARITA

Registra-se um decréscimo de 10,9% na produção de barita beneficiada 1º sem-2006 (4.640 t) em relação ao primeiro do ano anterior (5.600 t). Do mesmo modo, a quantidade vendida decaiu 9,1% haja vista que de janeiro a junho de 2006 foram comercializadas 5.636 t e, em 2005, foram 6.202 t no mesmo período.

O preço médio caiu significativamente. Até junho de 2005, a média ficou em R\$ 550,50/t, enquanto em igual período de 2006 obteve-se apenas R\$ 429,00/t.

Por conta tanto da retração da quantidade vendida quanto do preço, averigua-se uma substancial queda no total das vendas. Até junho de 2006 elas somaram R\$ 2.417.797,00: redução de 22,1% em relação ao resultado do mesmo período de 2005 (R\$ 3.414.051,40).

Importa registrar a forte influência negativa da desativação da mina localizada em Camamú/BA por inviabilidade econômica da continuidade da lavra em vista das reservas remanescentes.



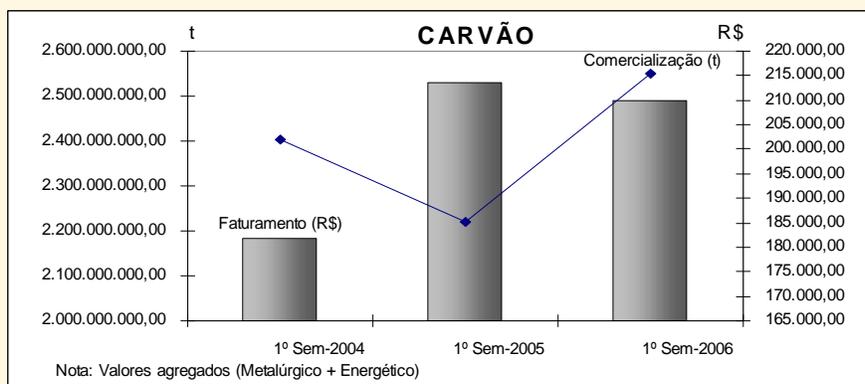
CARVÃO

A quantidade produzida de carvão mineral energético na primeira metade de 2006 foi de 2.777.902,00 t. Este desempenho foi 3,15% inferior ao obtido até junho de 2005, quando foram produzidas 2.868.124,00 t. O carvão metalúrgico, por sua vez, teve 246.847,00 t produzidas no primeiro semestre deste ano, apresentando um aumento de 0,7% em relação a igual período de 2005.

O preço médio do carvão energético foi de R\$ 121,40/t, no primeiro semestre de 2006 e

de R\$ 94,30/t em 2005 (crescimento de 28,7%). Já o metalúrgico foi negociado, em média, a R\$ 103,55/t até junho de 2006 e a R\$ 144,00/t no 1º sem, de 2005 (redução de 28,1%).

O valor total das vendas de carvão energético alcançou R\$ 208 milhões até junho de 2006 e as de metalúrgico, R\$ 7,250 milhões. Tais valores são, respectivamente, 17,5% superior e -10,8% inferior ao observado no primeiro semestre de 2005.



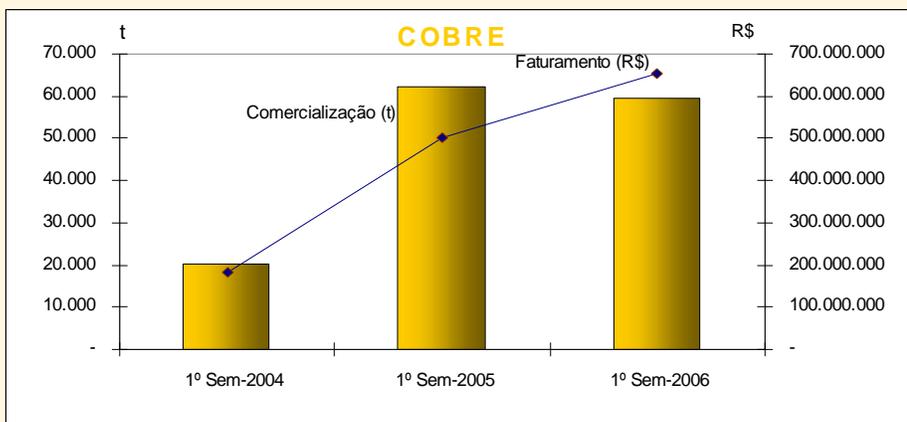
COBRE

A minas de Carnaíba-BA (Paranapanema) e Soseeso-PA (CVRD) respondem pela produção de Cu-primário no Brasil. Importa destacar o salto de 211% na produção com o início das operações de Sossego, quando comparados 1º sem-2005/2004. Na relação semestral 2006/2005 a produção cresceu 29,6%, assegurando um faturamento de R\$ 652,4 milhões (equivalentes a venda de 62,3 mil t Cu).

Os preços médios de vendas nos 1ºs semestres foram: R\$ 8.786,70/t (2005) e R\$ 13.237,18 /t (2006), acréscimo de 50,6%.

A produção em 2006 ficou em 63,6 mil t de Cu-contido no minério, contra 64,7 mil t de 2005, registrando-se leve queda de 1,73%, atribuída ao menor teor do minério alimentado nas usinas da CVRD.

A Yamana Gold anuncia o *start up* da mina de Chapada (Au-Cu), em Goiás, já em 2006: ROM 2,5Mt; 0,415% teor Cu; Produção de 10.000t concentrado (28% Cu). A capacidade instalada da mina será de 200 mil t/ano de minério (61 mil t Cu/ano e 134.000 oz Au/ano), com vida útil da ordem de 20 anos.

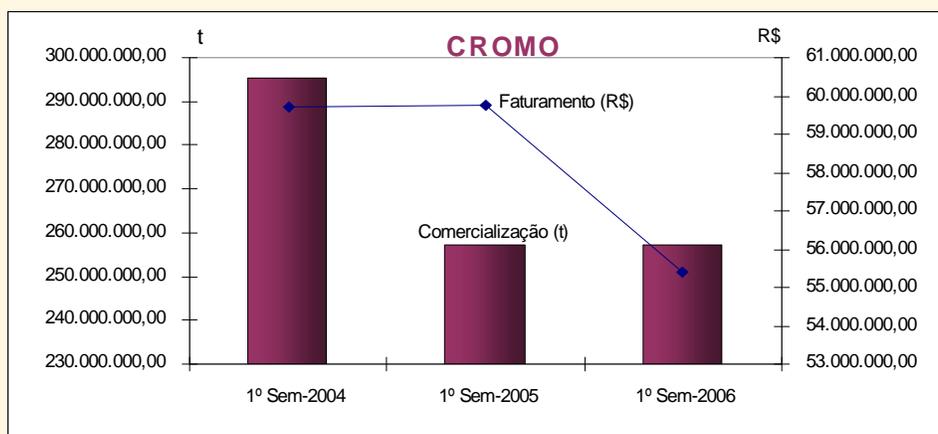


CROMO

Na comparação do primeiro semestre de 2005 com o de 2006, averigua-se que o preço médio por tonelada de concentrado de Cr_2O_3 regrediu de R\$ 232,40 para R\$ 215,30 (-7,37%). A quantidade vendida, todavia, variou apenas 0,11%, ou seja, permaneceu em torno de 257 mil t comercializadas.

Derivada diretamente da queda nos preços, houve redução no valor das vendas de con-

centrado de Cr_2O_3 nos seis meses iniciais de 2006, quando se contabilizou R\$ 55,4 milhões. Em igual período do ano anterior, as vendas registraram R\$ 59,7 milhões (queda de 7,27%). Pelo mesmo motivo, constatou-se redução da quantidade produzida de 294,6 mil t entre janeiro e junho de 2005 para 239,3 mil t nestes mesmos meses de 2006 (-18,7%).



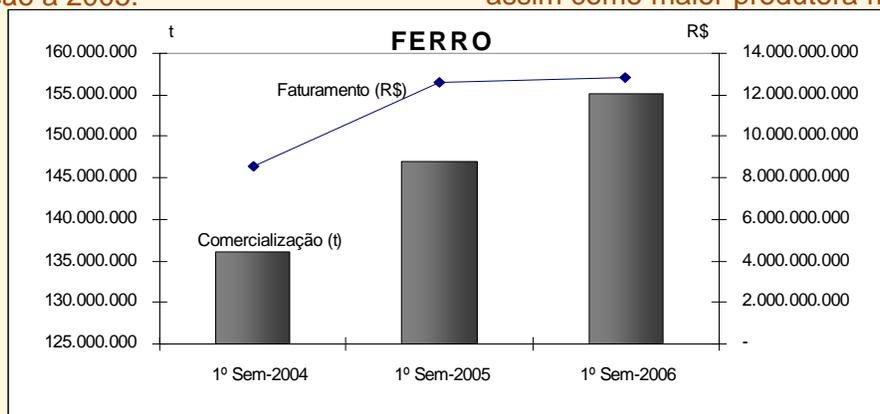
FERRO

O valor da produção brasileira de minério de ferro cresceu 1,65% no primeiro semestre de 2006 em comparação ao mesmo período de 2005. O faturamento de janeiro a junho de 2006 foi de R\$ 12,8 bilhões, sendo que R\$ 9,1 bilhões derivados das vendas de 132,9 milhões de t de minério de ferro beneficiado e R\$ 3,6 bilhões referente às pelotas (22,1 Mt). Comparativamente ao período de 2005 observa-se uma evolução de 5,3% no valor vendido de minério de ferro beneficiado e decréscimo de 6,6% no valor das pelotas.

A média de preços de venda até junho ficou em R\$ 83,75/t para o beneficiado e R\$168,00/t para as pelotas, significando evoluções da ordem de 6,6% e 5,1%, respectivamente, em relação a 2005.

A produção acumulada de minério de ferro até junho-2006 foi de 139,7 Mt (crescimento de 12,2%) e 23,6 Mt de pelotas (retração de 7,1% em relação ao mesmo período de 2005). Apesar da elevação de preços houve redução na quantidade produzida e vendida de pelotas. Isto se deve à paralização da usina de pelotização da CVRM em São Luís (MA).

Destaca-se o início das operações da mina de Brucutu (Set/2006), com investimentos da ordem de US\$ 1,1 bilhões e capacidade instalada (CI) prevista para alcançar 12,2 Mt de minério de ferro, em 2008. Ademais, a CVRD anuncia a ampliação da CI do Sistema Carajás de 85 Mt/ano já em 2006 e para 100 Mt/ano de minério de ferro, a partir de 2007, afirmando-se assim como maior produtora mundial.



FLUORITA

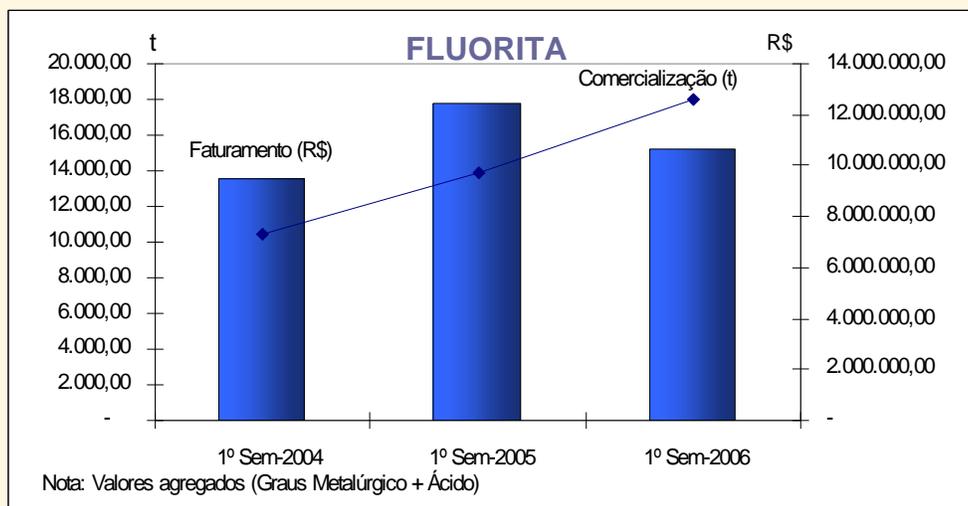
A produção de fluorita em grau metalúrgico foi de 12.404,00 t entre janeiro e junho de 2006 e de 12.742,00 t no primeiro semestre de 2005, implicando num decréscimo de 2,65%. O grau ácido teve a quantidade produzida incrementada em 11,7% (21.207,00 t no 1º sem/06 e 18.982,00 t no 1º sem/05).

Houve redução de 12,2% na quantidade comercializada de fluorita em grau metalúrgico no primeiro semestre de 2006 (10.657,00 t) em relação ao mesmo período do ano anterior (12.141,50 t). Já o montante de grau ácido apresentou uma retração no volume comercializado ainda maior: 20,3% (4.513,40 t até junho de 2006 e 5.661,95 t em igual época de 2005).

Apesar do exposto acima, observou-se elevação substancial no valor das vendas na comparação destes mesmos períodos: 25,5% para o grau metalúrgico (saltou de R\$

6.893.723,45 para R\$ 8.652.513,97) e 39,6% para o ácido (crescimento de R\$ 3.947.927,68 para R\$ 2.826.743,08).

Obviamente, o crescimento no valor das vendas num contexto de retração da quantidade vendida deveu-se a preços mais altos. Com efeito, a tonelada do grau metalúrgico foi negociada por R\$ 1.070,60 em média na primeira metade de 2006 contra os R\$ 664,25 auferidos no mesmo período de 2005 (majoração de 61,2%). O grau ácido, por sua vez, apresentou elevação ainda maior no preço médio (65,4%), passando dos R\$ 705,05 para R\$ 1.166,05 na confrontação dos primeiros semestres de 2005 e 2006, respectivamente. Os preços elevados e a valorização do real fizeram com que alguns consumidores de fluorita optassem pela importação do produto.



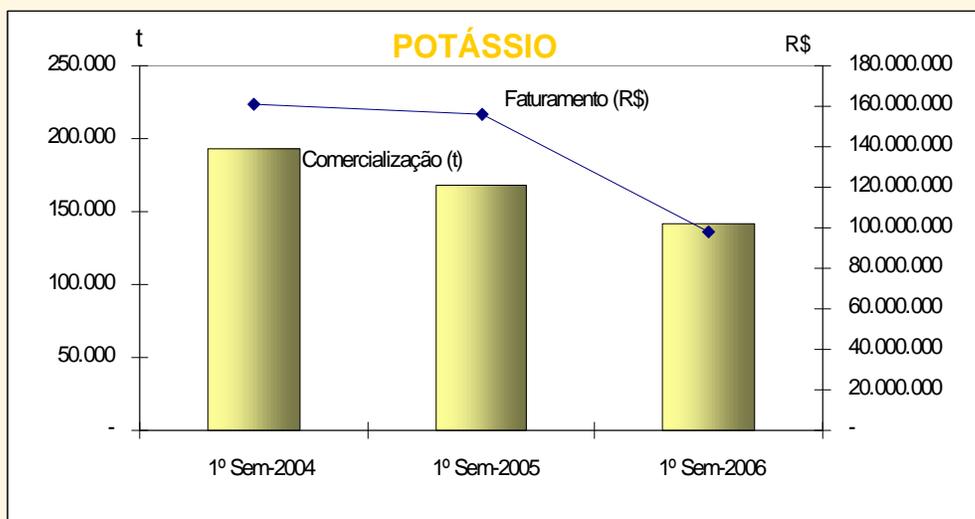
POTÁSSIO

A mina de Taquari-Vassouras (CVRD), em Sergipe, é a única produtora nacional de sais de potássio, insumo básico do Agronegócio (NPK). Com uma produção de 641 mil t de K_2O , a mina atende apenas 13% da demanda doméstica. A CVRD anunciou o aumento da Capacidade Instalada-CI para 850 mil t/ano ainda em 2006.

O aumento da CI, já apresentou reflexo positivo no aumento da produção de concentrado de K_2O no 1º sem-2006 que foi de 235,6 mil t, 18,2% a mais do que 2005 (199,4 mil t). Entretanto, a crise do Agronegócio implicou em significativa retração nas vendas (-16%). Portanto, foram comercializadas 168,5 mil t e

faturados R\$ 155,7 milhões em 2005, contra 141,6 mil t e R\$ 98 milhões (-37%) em 2006. Ademais, observa-se também uma redução no preço do concentrado de K_2O , de R\$ 924,00/t, em 2005, para R\$ 692,00/t, em 2006 (-25%).

O Governo Federal na busca de diminuir a vulnerabilidade do País, no que se refere à dependência de importação de sais de potássio, promove licitação (leilão em 2007), pela PETROBRAS, das notáveis reservas (superior a 1 bilhão de t K_2O) herdadas da extinta PETROMISA, situadas nos municípios de Nova Olinda e Itacoatiara, no Estado do Amazonas.



ROCHAS ORNAMENTAIS

O Segmento de Rochas Ornamentais (RxO) consolidou-se como o segundo maior exportador do Brasil, após o minério de ferro. O valor das exportações de RxO que era de apenas US\$ 157 milhões (1996), projetam-se à ordem de US\$ 1,05 bilhões em 2006 (no primeiro semestre foram exportados US\$ 474 milhões).

Em 2001, a participação das exportações de RxO, em relação ao total das exportações brasileiras, era de 0,48%, evoluindo para 0,67% em 2005. Por outro ângulo, observa-se um substancial aumento do % de exportação de rochas processadas em relação aos blocos, pois em 1998 representavam apenas 43,9%, alcançando índices da ordem de 80% em 2005, (com estimativa de atingir 87% no final de 2007), aumentando-se ainda mais o valor agregado ao produto.

Os EUA afirmam-se como os maiores importadores, haja vista que em 1998 responderam 27,9% das exportações de rochas do Brasil, evoluindo para 58,3% em 2005. Depois dos EUA, Itália, China e Espanha destacam-se como importantes clientes brasileiros, adquirindo blocos brutos para beneficiamento. Admite-se como ponto de fragilidade, a ameaça de recessão nos EUA ou do estouro da “bolha imobiliária” (principal cadeira de uso das rochas ornamentais).

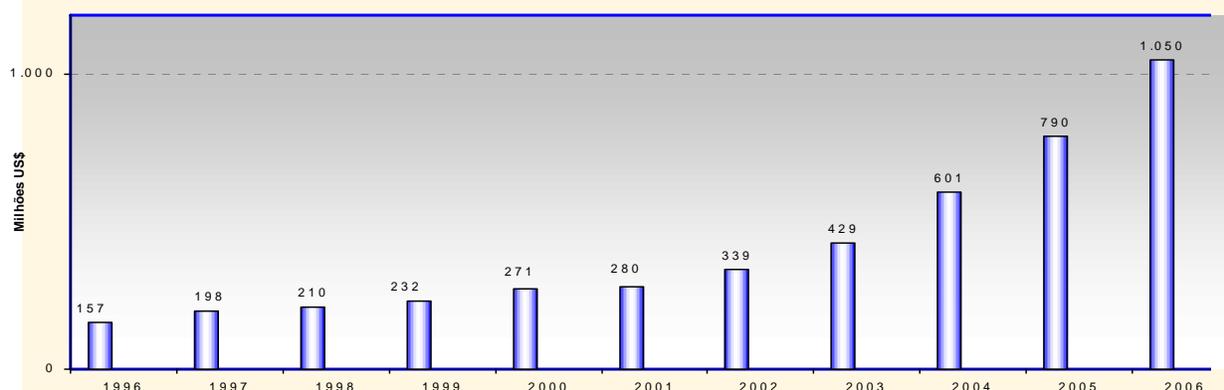
Atualmente o Brasil é o 4º maior produtor mundial de rochas e 5º exportador. O parque de

serragem e polimento tem uma capacidade instalada de 50 a 60 milhões de m²/ano e uma produção de 6,9 milhões de t/ano de blocos. Estima-se haver 12.000 empresas envolvidas, gerando em torno de 130.000 empregos diretos. Deste contexto, 900 empresas exportam para cerca de 120 países. Portanto, o segmento de RxO consolida-se como forte gerador de mão-de-obra no País, estimando-se que cada posto de trabalho gerado demande investimentos da ordem de US\$ 10,000.00/per capita.

Observa-se uma recuperação da ordem de 13,0% e 18,8%, nos anos 2005 e 2006, respectivamente, devido as características peculiares do granito brasileiro. Admite-se uma diversidade da ordem de 900 tipos de granitos no Brasil, classificados em cores, tonalidades, padrões, texturas, tamanho de grãos e graus de movimentação, fatores determinantes à valorização no mercado internacional. Os quartzitos e as ardósias têm um perfil comercial de commodities, tornando-as mais vulneráveis às flutuações cambiais.

O Sistema DIPEM revela uma verdadeira explosão em pesquisa mineral em quase todos os estados do Brasil, o que gera uma forte expectativa sobre o ampliação da diversidade rochas ornamentais do País. A propósito, somente a substância granito teve os investimentos de pesquisa mineral elevados de R\$ 15 milhões (2004) para R\$ 85 milhões (2005).

Exportações de Rochas Ornamentais - 1996-2006



IV - BALANÇA COMERCIAL DO SETOR MINERAL

Vários setores apresentaram significativas taxas de crescimento nas exportações no primeiro semestre de 2006, registrando-se, no total, um aumento de 13,5% em relação a igual período de 2005. Por sua vez, as importações, apresentaram alta de 21,6%. No período analisado, o saldo comercial teve variação positiva em apenas metade dos setores considerados, obtendo queda de 0,61% no agregado.

O fluxo de comércio exterior teve um aumento de 16%, uma vez que tanto as exportações quanto importações aumentaram, passando para US\$ 112 bilhões.

O Setor Mineral vem, ao longo dos últimos anos, aumentando a sua importância nas transações comerciais internacionais brasileiras. A propósito, a redução do superávit na balança comercial, só não foi mais elevado por conta do bom desempenho do Setor Mineral, que aumentou seu superávit em 20,6%, passando de R\$ 3,89 bilhões no 1º semestre de 2005 para R\$ 4,69 bilhões no igual período de 2006.

Com efeito, a participação do setor no superávit comercial e nas exportações totais do país evoluiu de 20% para 24% e de 25% para 28%, respectivamente.

Balança Comercial Brasileira do Setor Mineral em US\$/FOB						
Discriminação	Jan./Jun. - 2006			Jan./Jun. - 2005		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
Bens Primários	7.207.765.610	6.173.828.489	1.033.937.121	4.990.532.757	5.027.776.190	-37.243.433
Semimanufaturados	4.180.262.497	1.113.806.179	3.066.456.318	3.982.266.242	752.245.655	3.230.020.587
Manufaturados	5.367.561.829	4.008.475.533	1.359.086.296	4.296.398.768	2.847.995.721	1.448.403.047
Compostos Químicos	239.879.975	1.009.199.486	-769.319.511	241.621.316	993.541.854	-751.920.538
Total	16.995.469.911	12.305.309.687	4.690.160.224	13.510.819.083	9.621.559.420	3.889.259.663

Fontes: MDIC/SECEX; DNP/DIRIDEM.

Setor Mineral Brasileiro – principais produtos exportados						
Discriminação	Jan./Jun. - 2006		Jan./Jun. - 2005		? % ¹	? % ²
	Tonelada	US\$-FOB	tonelada	US\$-FOB		
Bens Primários	-	7.207.765.610	-	4.990.532.757	...	44%
Alumínio	3.094.643	106.238.789	3.801.269	113.922.045	-19%	-7%
Caulim	1.171.283	130.372.678	947.704	105.077.455	24%	24%
Cobre	124.656	142.161.252	161.854	134.086.146	-23%	6%
Ferro	107.760.075	3.813.690.344	105.163.559	3.073.285.119	2%	24%
Manganês	575.987	27.012.566	1.015.499	75.689.862	-43%	-64%
Petróleo	7.401.222	2.536.166.674	4.736.517	1.151.446.108	56%	120%
Rochas Ornamentais	926.347	368.069.293	753.950	243.653.179	23%	51%
Outros	-	84.054.014	-	93.372.843	...	-10%
Semimanufaturados	-	4.180.262.497	-	3.962.266.242	...	6%
Alumínio	1.741.346	1.403.997.307	1.434.809	928.806.376	21%	51%
Cobre	36.326	208.344.750	8.529	22.820.429	326%	813%
Ferro	5.499.989	1.614.994.758	6.533.891	2.295.121.565	-16%	-30%
Manganês	59.934	39.634.838	93.957	75.848.985	-36%	-48%
Nióbio	28.285	248.106.532	23.721	194.265.336	19%	28%
Níquel	13.326	122.671.649	12.734	114.445.962	5%	7%
Ouro	15	302.888.680	13	179.258.271	15%	69%
Sílica	60.148	56.604.800	57.318	51.953.629	9%	9%
Zinco	34.225	82.907.194	32.205	41.563.749	99%	99%
Outros	-	100.111.989	-	58.181.940	...	72%
Manufaturados	-	5.367.561.829	-	4.296.398.768	...	25%
Alumínio	104.634	297.328.932	105.678	243.352.942	-1%	22%
Argilas	900.545	261.458.351	866.854	244.118.319	4%	7%
Cobre	34.587	210.230.729	32.417	104.337.956	7%	101%
Ferro	3.413.478	2.083.851.652	3.042.504	2.130.567.079	12%	-2%
Petróleo	5.143.211	1.799.064.872	3.436.628	879.977.906	50%	104%
Sílica	246.383	254.880.029	279.979	265.553.426	-12%	-4%
Outros	-	460.747.264	-	428.491.140	...	8%
Compostos Químicos	-	239.879.975	-	241.621.316	...	-1%
Gás Natural	75.292	26.647.947	133.157	36.984.874	-43%	-28%
Rochas Fosfáticas	241.233	88.054.166	220.659	85.974.141	9%	2%
Sílica	38.437	25.068.172	31.348	21.198.121	23%	18%
Outros	-	100.109.690	-	97.464.180	...	3%

Fontes: MDIC/SECEX; DNP/DIRIDEM. Notas: ?%¹ Variação da quantidade 1º SEM 2005/ 1º SEM 2006; ?%² Variação do valor 1º SEM 2005/ 1º SEM 2006.

Setor Mineral Brasileiro – principais produtos importados

Discriminação	Jan./Jun. - 2006		Jan./Jun. - 2005		?% ¹	?% ²
	Tonelada	US\$-FOB	tonelada	US\$-FOB		
Bens Primários	–	6.173.828.489	–	5.027.776.190	...	23%
Petróleo	8.860.112	4.371.451.208	9.607.802	3.422.602.348	-8%	28%
Carvão	6.904.820	767.764.059	9.250.497	742.790.063	-25%	3%
Cobre	261.520	466.145.079	180.725	187.805.706	45%	148%
Potássio	1.413.314	266.845.057	2.088.723	385.496.257	-32%	-31%
Zinco	119.474	96.465.418	123.656	53.064.643	-3%	82%
Molibdênio	2.587	61.463.508	2.277	92.716.640	14%	-34%
Enxofre	810.007	51.843.375	817.296	51.839.141	-1%	0%
Outros	–	91.850.785	–	91.461.392	...	0%
Semimanufaturados	–	1.113.806.179	–	752.245.655	...	48%
Cobre	81.106	462.271.063	86.586	294.181.987	-6%	57%
Ferro	507.425	202.196.578	144.454	35.314.777	251%	473%
Platina	4	96.777.864	3	53.404.280	33%	81%
Alumínio	71.225	81.150.531	33.940	53.539.489	110%	52%
Chumbo	41.639	51.659.640	36.972	38.318.190	13%	35%
Prata	126	40.466.003	192	42.344.751	-34%	-4%
Níquel	2.514	35.826.073	5.869	88.090.481	-57%	-59%
Outros	–	183.924.430	–	147.051.700	...	25%
Manufaturados	–	4.008.475.533	–	2.847.995.721	...	41%
Petróleo	4.455.623	1.897.540.764	4.055.681	1.374.674.535	10%	38%
Gás Natural	4.031.245	758.683.959	3.421.598	427.735.459	18%	77%
Ferro	1.372.827	562.644.800	273.658	384.346.342	402%	46%
Cobre	28.259	177.136.528	20.280	89.400.079	39%	98%
Alumínio	47.403	152.796.305	72.872	151.254.276	-35%	1%
Sílica	142.560	123.855.177	143.710	114.822.972	-1%	8%
Outros	–	335.818.000	–	305.762.058	...	10%
Compostos Químicos	–	1.009.199.486	–	993.541.854	...	2%
Gás Natural	1.385.465	274.937.645	13.217.001	260.579.492	-90%	6%
Rochas Fosfáticas	936.093	241.504.293	1.343.447	312.069.181	-30%	-23%
Sal	1.305.645	206.227.830	1.077.558	163.394.818	21%	26%
Titânio	44.069	88.778.160	43.201	80.841.501	2%	10%
Cromo	24.819	25.881.133	23.281	15.680.453	7%	65%
Nitrato de Sódio Natural	82.485	21.289.910	76.029	17.044.754	8%	25%
Enxofre	168.554	9.440.878	248.636	15.863.062	-32%	-40%
Outros	–	141.139.637	–	128.068.593	...	10%

Fontes: Fontes: MDIC/SECEX; DNPM/DIDEM. Notas: ?%¹ Variação da quantidade 1º SEM 2005/ 1º SEM 2006; ?%² Variação do valor 1º SEM 2005/ 1º SEM 2006.

Analisando-se especificamente as exportações, destaca-se o notável desempenho do minério de ferro (bens primários), que respondeu por 52% (R\$ 3,9 bilhões) das exportações do Setor Mineral, mantendo-se hegemônico na pauta de exportações de commodities minerais brasileira.

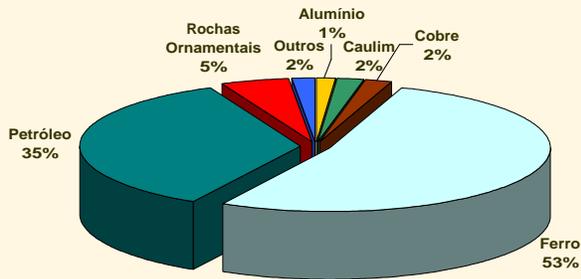
Importa destacar o aumento da exportação de cobre semimanufaturado, que saltou de R\$ 22,8 milhões para R\$ 208 milhões. As im-

portações do setor aumentaram substancialmente (28%) em todos os subgrupos, chegando a US\$ 12,5 bilhões.

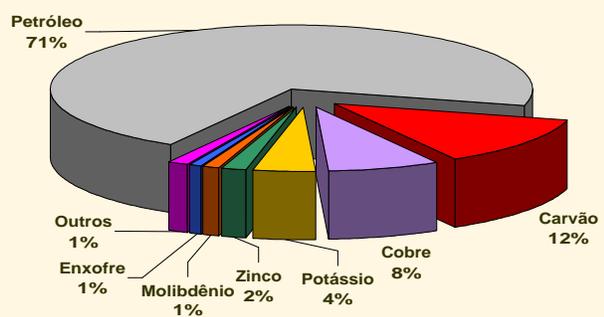
Neste contexto, as importações de combustíveis fósseis (Carvão, Petróleo e Gás Natural) cresceram 29,5% em valor (US\$ 8 bilhões) e correspondem a cerca de 66% das importações atribuídas ao Setor Mineral.

Composição do comércio exterior setorial no 1º semestre de 2006:

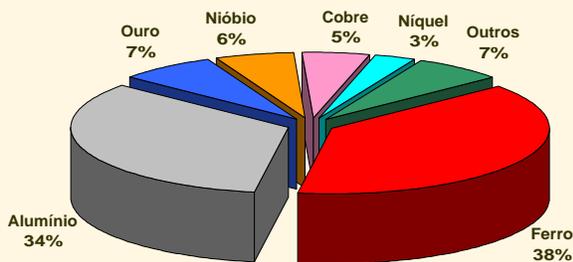
Exportações de Bens Primários



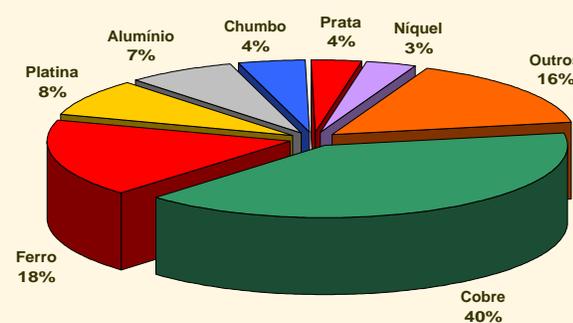
Importações de Bens Primários



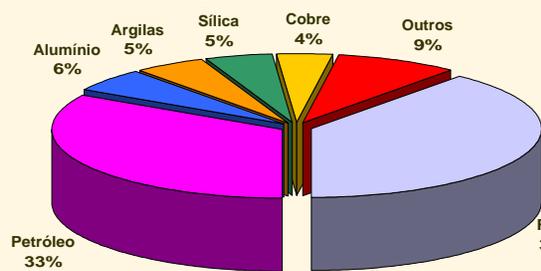
Exportações de Semimanufaturados



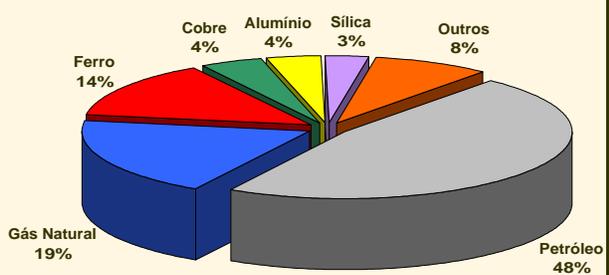
Importações de Semimanufaturados



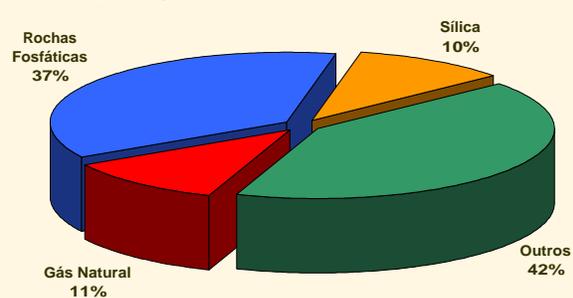
Exportações de Manufaturados



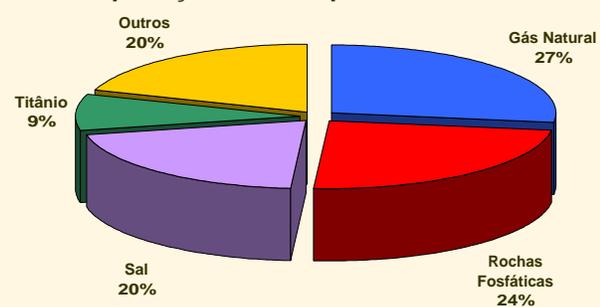
Importações de Manufaturados



Exportações de Compostos Químicos



Importações de Compostos Químicos



V - DESEMPENHO DA ARRECADAÇÃO DE CFEM (Royalty Mineral)

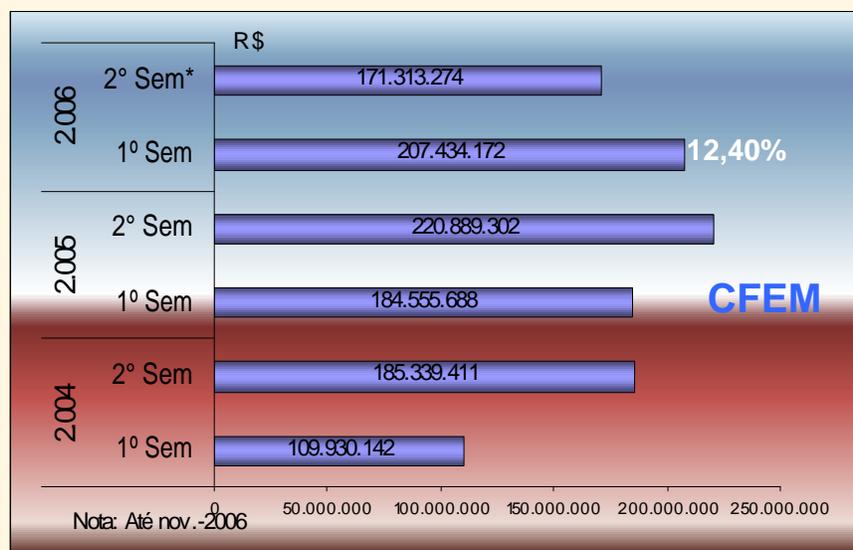
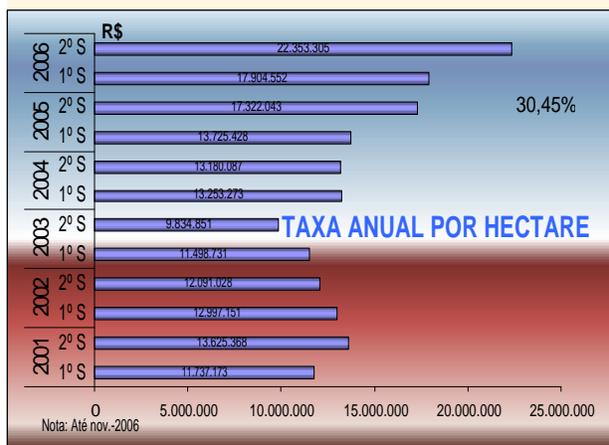
O processo de Modernização da Administração do DNPM e da Gestão dos Recursos Mineral tem apresentado resultados altamente positivos, em particular no maior controle e eficiência na arrecadação de CFEM e TAH-Taxa Anual por Hectare.

Neste contexto, a TAH, importante instrumento inibidor da oneração especulativa de áreas, apresentou incremento de 30,1% no 1º sem-2006, enquanto a CFEM evoluiu 12,4%, comparativamente a igual período de 2005.

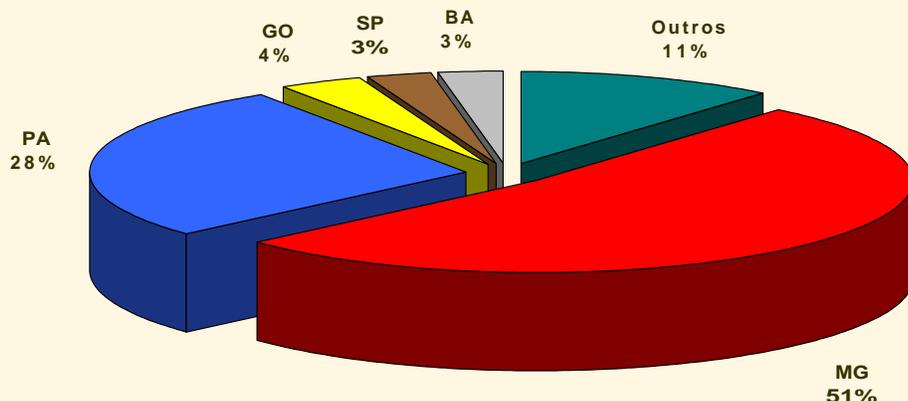
A arrecadação da CFEM ao longo dos primeiros seis meses de 2006 continuou favorecida pela valorização das *commodities minerais*, pelo aumento da produção de bens minerais puxado pela forte expansão do comércio mundial, especialmente pelo consumo na Ásia (em particular China e Índia).

As matérias-primas minerais contribuíram no primeiro semestre deste ano com US\$ 7,6 bilhões no saldo comercial, com reflexos positivos na formação da arrecadação de CFEM pelo minério de ferro (60%), alumínio (7%), cobre (4%), ouro (4%), caulim (3%) e calcário (%), a arrecadação da CFEM, alcançou R\$ 207,4 milhões, resultado superior a 12,4% ao registrado nos seis primeiros meses de 2005.

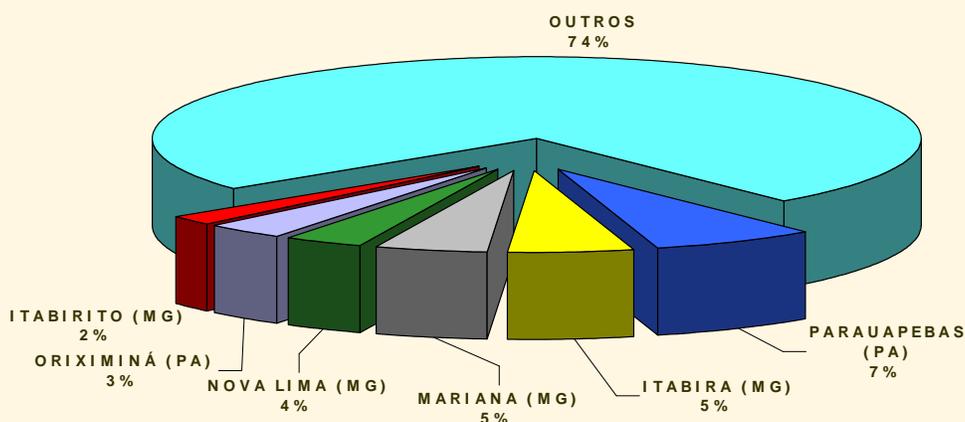
No *ranking* estadual de arrecadação de CFEM no 1º sem-2006, mantém hegemonia: Minas Gerais com 52,1% e o Pará com 27,55%, seguidos por Goiás (3,5%), Sergipe (2,8% e Amapá (2,7%). Por outro ângulo, os municípios que tiveram maior arrecadação foram Parauapebas (PA), Itabira (MG), Mariana (MG), Oriximiná (PA) e Nova Lima (MG).



CFEM - Arrecadação por UF jan-jun 2006



CFEM - Arrecadação por município jan-jun 2006



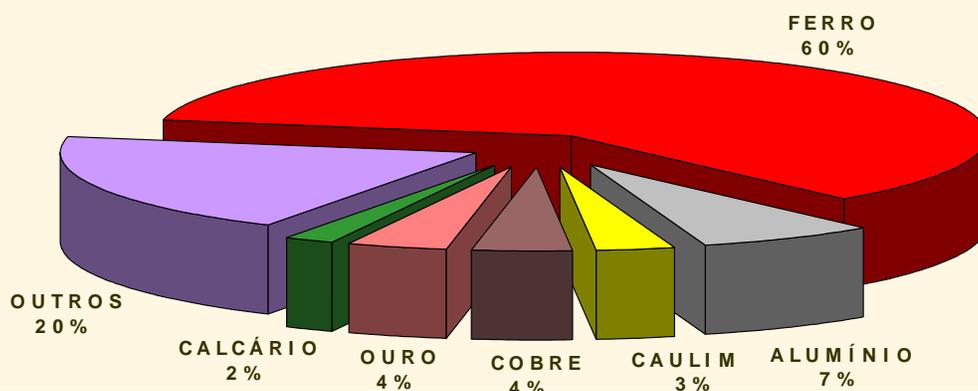
Maiores beneficiários da CFEM, Estados (23%) e Municípios (65%), a arrecadação de Minas Gerais, por sua condição hegemônica nacional, registrou um aumento de 24,8%, somando R\$ 107,9 milhões até junho-2006. O Pará, responsável por cerca de 24% da produção mineral brasileira, apresentou leve declínio (-1,4%), alcançando R\$ 57,0 milhões.

No ranking de municípios Parauapeba-PA mantém a liderança respondendo por 11,0% (mesmo com queda de 6,5%), alcançando R\$ 27,8 milhões, seguido de Itabira-MG (7,1%), R\$

16,5 milhões, com evolução de 25,9% na arrecadação de CFEM. Seguem Mariana-MG (6,2%), Nova Lima-MG (4,7% e Oriximiná-PA (4,0%).

As empresas, CVRD com participação de 42,4%, Minerações Reunidas Brasileiras – MBR, com 11,2%, Mineração Rio do Norte - MRN com 6,2% e SAMARCO Mineração SA com 5,4%, arrecadaram juntas, 65,2 % do total de R\$ 207,1 milhões da CFEM de jan-jun 2006.

CFEM - Arrecadação por Substancia - jan-jun 2006



DESTAQUE

SOBRE AS PERSPECTIVAS DOS PREÇOS DAS COMMODITIES MINERAIS

Rodrigues, A.F.da S.; Silva, L.R.; Amorim, E.E.R. e Ferraz, C. P.

A economia mundial passa por um longo ciclo de crescimento que se iniciou com o equacionamento da crise financeira e cambial que abalou os países emergentes no final da década de 1990. Elevadas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) são observadas em inúmeros países, com destaque para China e Índia. A conjuntura favorável tem valorizado o preço das commodities, lastreado as moedas e contribuído para o acúmulo de vultosas reservas internacionais dos países exportadores.

Em meio a este ambiente econômico favorável, o mineralnegócios tem apresentado ótimo desempenho, tornando-se altamente atrati-

vo para investimentos em todo o mundo. Importa destacar que, nos dois últimos anos, a performance do segmento mínero-industrial foi superior em 300% aos demais ramos da indústria. Com efeito, baseado nestes números, nos aumentos constante nos preços das commodities minerais e na conseqüente capitalização das empresas do ramo, reforça-se a confiança dos investidores no Setor Mineral.

O Relatório da Mineração da PriceWaterhouseCoopers (PwC), junho de 2006, envolvendo as 40 maiores companhias de mineração do mundo, apresenta dados concretos sobre o notável desempenho do Setor Mineral Global em 2005 (Tabela -1).

Tabela-1: Desempenho Mundial das Mínero-Indústrias

Descrição	2005 (US\$ bilhões)	2004 (US\$ bilhões)	Variação (%)
Receita	222	177	↑ 25
EBITDA*	81	55	↑ 46
Lucro líquido	45	28	↑ 59
Fluxo de caixa líquido	58	43	↑ 34
Gastos com capital	31	24	↑ 31
Gastos com exploração	2.2	1.7	↑ 29
Endividamento líquido	38	45	↓ 15
Distribuições para acionais e afins	16	9	↑ 82

Fonte: PriceWaterhouseCoopers, 2006 – Mine let the good times roll.

Nota: (*) EBITDA: Earnings before interest rates, taxes, depreciation and amortization (Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização).

Portanto, conforme a PwC, assume-se que:

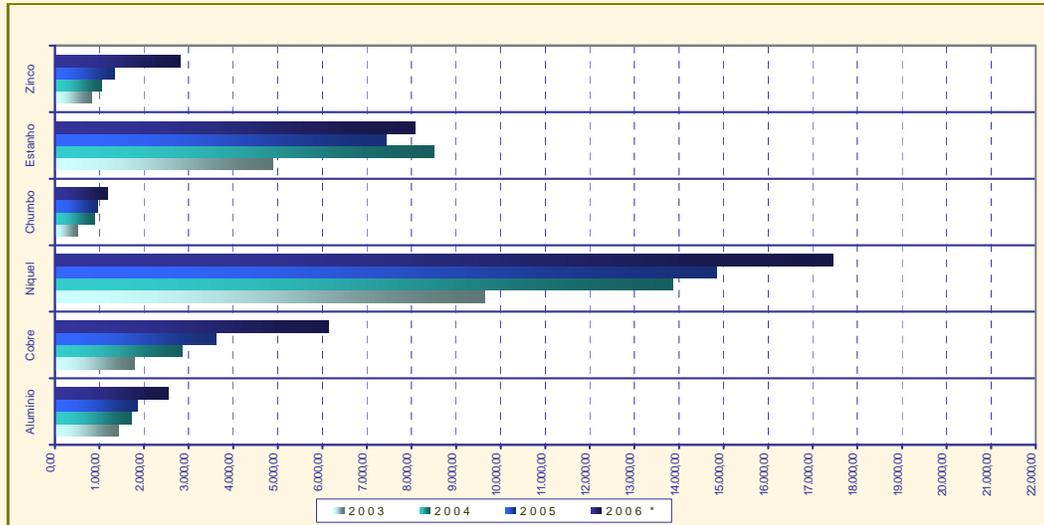
- Os lucros das empresas cresceram mais de oito vezes desde 2002, sendo identificada como principal força motriz dos resultados a cíclica alta dos preços, em especial do ouro, do cobre, do minério de ferro e do carvão. Admite-se, entretanto, que estes resultados espetaculares podem mascarar o aumento substancial nos custos operacionais entre 2004 e 2005, forte advertência sobre a (in) sustentabilidade das atuais margens de retorno das mínero-indústrias, caso os preços caiam;

- O longo período convivendo com gran-

des margens de retorno induziu às empresas a reinvestirem grande proporção dos seus fluxos operacionais em capital fixo e aquisições de outras companhias, acumulando investimentos da ordem de US\$ 38 bilhões em 2005, 41% superior quando comparado a 2004., Adicionalmente, observa-se ter havido também aumento da distribuição de lucros aos acionistas, uma vez que a proporção dividendos/lucros cresceu 16% neste mesmo período. Por outro ângulo, a dívida líquida das firmas que constam do relatório da PwC diminuiu cerca de US\$ 7 bilhões desde 2004;

- Enfim, as ações das empresas do setor ultrapassaram a média do índice Standard & Poor's, que mede as 500 ações mais negociadas da Bolsa de Nova Iorque, em mais de 300% nos últimos 4 anos, em especial no último semestre

de 2005. A elevação de preço continuou nos seis primeiros meses de 2006, com variações superiores às registradas no ano passado, em alguns casos (Gráfico i).



Fonte: Fonte LME: <http://www.lme.com/> * Até Jun-2006.
Gráfico - 1: Preço Médio dos Metais Não-Ferrosos (2003-2006)

Com efeito, caracterizada a situação de *boom* mineral, observa-se um forte constrangimento da oferta dado o aumento mais que proporcional da demanda, implicando na redução de estoques. Portanto, em face da oferta não

ter sido suficiente para satisfazer à demanda, agrava-se a situação de desequilíbrio no mercado de mineral commodities, aflorando as seguintes questões:

1. Qual é o limite para o atual processo de alta de preços?

2. Os preços retroagirão ao patamar anteriormente observado ou se estabilizarão em um plano mais elevado?

Admitindo-se que o mercado de cada matéria-prima mineral possui características inatas na formação e comportamento dos preços, impõe-se a reflexão sobre alguns pressupostos e fatores condicionantes gerais:

I – Industrialização e Urbanização:

A expansão populacional ocorreu em todos os países e continentes, porém foi mais intenso na Ásia. Nos últimos 30 anos observou-se um adicional de 2,5 bilhões de pessoas à população mundial, sendo que 388 milhões nasceram chineses e 475 milhões, indianos, cujo crescimento demográfico agregado equivale a 1/3 do crescimento demográfico global, neste período. Portanto, esse fato representa um alargamento na base de consumo de todos os bens que continuará presente no século XXI. Importa enfatizar que esse descomunal contingente adicionado à população mundial deu-se

prevalentemente em ambientes urbanos - mais intensivos no uso de bens que empregam minerais - e em países que estão em fase de industrialização, com o agravante de que os países emergentes que mais crescem atualmente são, justamente, China e Índia. Com efeito, o incremento e a diversificação da produção interna destes gigantes, somados ao acelerado processo de urbanização, tendem a gerar uma forte e crescente procura por bens minerais, principalmente os insumos básicos para a construção civil e para a chamada indústria de base, entre outras aplicações.

II – Melhor Distribuição de Renda:

A redução da distância entre ricos e pobres, seja pelo melhor funcionamento do mercado, seja por conta de políticas públicas estruturantes que lograram êxito em combater a pobreza, tem o potencial de tornar menos elástica a procura por bens minerais. A evolução dos padrões de consumo das classes mais pobres naturalmente resultará numa maior demanda por bens mais intensivos em tecnologia que uti-

lizam um número maior de minerais na sua produção. Além disto, os indivíduos que auferem remunerações menores têm uma tendência a consumirem uma proporção maior do que ganham. Logo, pode-se afirmar haver uma relação diretamente proporcional entre o avanço da justiça/equidade social e a procura por bens minerais.

III – Elasticidade da Oferta:

O Setor Mineral apresenta oferta menos elástica que outros ramos da indústria face i) algumas barreiras à entrada de novas firmas (aquisição de tecnologia e capital necessários para iniciar o negócio, por exemplo); ii) significativos *sunk costs* (custos “irrecuperáveis”); iii) prazo de maturação de novos projetos relativamente grande (há um intervalo considerável entre encontrar a jazida e o início da exploração da mina); iv) rigidez locacional (não se escolhe o

lugar do depósito mineral); v) ganhos de escala expressivos (que implicam em menor competitividade das entrantes perante as firmas já tradicionais); e vi) restrições governamentais diversas, sobretudo de natureza ambiental. Portanto, todas estas características combinadas fazem com que a produção tenha um ritmo de expansão mais lento que o crescimento da demanda e com maiores custos médios de produção.

IV – Estrutura Produtiva Obsoleta e Altos Custos:

Uma parcela da capacidade produtiva existente no Setor Mineral mundial antes do boom de preços das commodities já estava funcionando há muito mais tempo do que tinha sido originalmente projetada para operar. Como consequência, muitas plantas apresentavam custos operacionais e de manutenção elevados. Assim, as novas inversões derivadas do dinamismo atual precisaram, não só acrescentar, mas também substituir equipamentos e instalações fazendo com que parte dos investimentos realizados tenham sido para modernizar essa capacidade.

das seguras para o investidor comum) e apresentam uma “correlação negativa” em comparação com as ações e os títulos, ou seja, tendem a valorizar-se quando os outros tipos de papéis citados desvalorizam-se (o que não significa que, em alguns períodos, todos estes ativos não possam variar na mesma direção). Por conta disto, derivativos de commodities são bastante úteis para diversificar aplicações e para pulverizar riscos entre tipos diversos de investimentos.

V – Diversificação de Riscos:

Gary Gorton, professor de Finanças da Wharton, e K. Geert Rouwenhorst, professor de Finanças da Faculdade de Administração de Yale, concluíram, em trabalho cujo título é “Fatos e Fantasias sobre Futuros de Commodities”, que as commodities oferecem, ao longo prazo, os mesmos retornos que os investidores estão acostumados a receber das ações (considera-

Portanto, administradores de bancos e fundos de investimentos, atentos aos rumos da economia mundial e aos “humores” do mercado financeiro, têm alocado recursos consideráveis para o mercado de commodities incentivados por algo além da expectativa da valorização, o que tem representado uma pressão a mais no aumento dos preços.

Taxa de câmbio média (Euro/US\$) Gazeta Mercantil



Apesar do crescimento econômico global ser o maior desde a Era Dourada (anos 50, 60 e 70), é de se desconfiar que, abruptamente, a procura mundial tenha, de forma simultânea, superado a oferta de tantos produtos (não só minerais). Partindo desta suspeita, pode-se formular uma explicação para o comportamento dos preços dos últimos três anos dando ênfase ao que ocorre com a mais importante referência de valor internacional: o dólar norte-americano.

Há uma forte expansão da oferta de dólares no mercado internacional em curso como conseqüência do aumento dos preços do petróleo (commodity da qual os EUA são importa-

dores líquidos) e dos volumosos déficits comercial e fiscal norte-americanos. Quando o valor do dólar se reduz perante as demais divisas - notadamente o Euro e o Iene - os títulos da dívida pública dos EUA passam a pagar juros menores sobre o principal em termos reais. Como conseqüência, estes papéis são desvalorizados naturalmente pelo mercado, isto é, os agentes vendem títulos em busca de outras opções conjuntamente melhores, dentre as quais estão os derivativos de commodities, que acabam se valorizando pelo afluxo de recursos para a aquisição de contratos futuros e opções.

VI – Produção Secundária:

Funcionando em sentido contrário aos fatores listados anteriormente, a produção secundária de metais a partir da reciclagem tem ocupado uma parte significativa do aumento da ofer-

ta. O atual nível de preços tem estimulado e continuará estimulando a reciclagem dos metais, que vem tendo uma participação crescente ano a ano em relação à produção primária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1990 e a primeira década do novo milênio notabilizam-se pela quantidade de seres humanos que deixaram a pobreza, graças ao vivaz crescimento dos países do sudeste e leste da Ásia, apesar de existir ainda um enorme contingente que ainda não conseguiu ultrapassar essa barreira. Este é o vetor de explicação central para o movimento de alta dos preços das commodities minerais quando se pensa no lado real da economia.

Morgan Stanley (Global Commodities Review, out./06), avalia que o mundo passa por um novo superciclo secular, definindo períodos de aumento dos preços em termos reais, semelhante ao último ciclo de alta de preços ocorrido entre 1950 e 1960, influenciado pela reconstrução da Europa no pós-guerra e pela industrialização do Japão. Nessa perspectiva, advoga-se que o processo de modernização dos países em desenvolvimento (em especial a Chi-

na), associado ao fator agravante de subinvestimentos no Setor Mineral nos últimos 30 anos, resultou no estrangulamento da oferta, que está em média a 3-5 anos de atraso em relação à demanda. Portanto admite-se que, a baixa de preços das commodities observada em meados de 2006 indica apenas uma “pausa para respirar”, prevendo-se que os preços deverão atingir o seu pico entre 2007-2008 para depois então estabilizarem.

A propósito, conforme dados da LME, decorridos nove meses do ano (jan-set 2006), os não-ferrosos mantêm notáveis índices de elevação das cotações: níquel 107,01% (US\$ 30.130,01/t), zinco 62,80% (US\$ 3.403,02/t), cobre 60,58% (US\$ 7.602,34/t) e o estanho com 28,09% (US\$ 9.039,29/t), sendo que o níquel e o cobre, insumos essenciais para as cadeias de produção de aços inoxidáveis e materiais eletro-eletrônicos, já ultrapassam as barreiras históricas dos US\$ 30 mil/t e US\$ 7 mil/t, respectivamente.

Aceitando um componente de especulação neste movimento de alta, seja derivado da incerteza sobre o volume real das reservas minerais, sua viabilidade econômica e sua capacidade de suprir a demanda no futuro, seja por razões estritamente financeiras, é razoável esperar por um período de ajuste, que ocorrerá, provavelmente, se os preços do petróleo recuarem substancialmente ou quando os formuladores de política econômica norte-americanos forem forçados a combater os déficits comercial e fiscal. Em ambos os casos, haverá uma redução da liquidez internacional seguida por uma retração da demanda agregada, cuja intensidade vai variar para cada país, dependendo de sua situação de balança de pagamentos e de sua posição como exportador ou importador líquido de petróleo.

Dois fatores capazes de alterar o panorama atual são:

(a) a diversificação de localização das novas operações, dado que os riscos políticos estão cada vez maiores (Exemplo: caso do gás natural envolvendo Bolívia e Brasil); e

(b) o impacto que países como Rússia, China, Índia e o continente africano poderiam

causar com a produção mais intensa de seus recursos naturais, já que cada um deles apresenta inúmeras oportunidades de investimentos para a mineração devido ao seu excelente potencial geológico. Contudo, estes países, têm entraves específicos para o desenvolvimento das indústrias do setor: a Rússia mantém tecnologia obsoleta e protecionismo, o que leva muitas jazidas de classe internacional a não se viabilizarem economicamente; a Índia tem 75% das suas indústrias nas mãos do Estado; e a maioria das mineradoras chinesas é de pequena escala e baixa produtividade.

Ademais, a situação de euforia ante o boom de preços de mineral commodities, historicamente promove grande influência no comportamento de outros agentes:

i) os trabalhadores vêem a oportunidade de obter ganhos salariais e encaminham reivindicações que podem convergir para greves;

ii) os governos planejam aumentar a sua participação nos ganhos através de royalties, tributos e confiscos; e

iii) investidores inexperientes e mal informados tendem a aplicar seus recursos nas commodities minerais com o intuito de aproveitar apenas o momento, o que pode causar “sobre-investimento” no longo prazo.

Como principal reflexo positivo do resultado setorial, conforme o Relatório PwC, destaca a injeção de investimentos no Setor Mineral na perspectiva de maximizar a produção, traduzido pelo aumento dos gastos operacionais em 16% durante 2005, assim como o visível refluxo de recursos para Exploração Mineral, condição sine qua non à descoberta de novas jazidas de modo a assegurar a provisão de matérias-primas minerais numa situação de estrangulamento da oferta, por uma demanda crescente de mercados, em particular da China.

Conforme analistas da PwC, o desenho do cenário econômico mineral internacional aponta para a repetição do desempenho de 2005, quiçá mais expressivos até. Com efeito, a cíclica altista de preços das commodities minerais afirma uma ambiência econômica de verdadeiro boom, sinalizando para 2006 excepcional desempenho da mineração sobre todos os aspectos.

Conclusivamente, admite-se que a inquietude dos agentes de mercado e dos mínero-empresários reside nas questões: Há sustentabilidade? Até quando esse ambiente de euforia vai durar?

Do pressuposto de que os fatores que influenciam direta e indiretamente os preços são tantos - o que dificulta sobremaneira a elaboração de exercícios de cenários - resta, em última análise, a monitoração continuada dos movimentos e amplitudes das oscilações das cotações e dos estoques, estreitamente associadas às expectativas dos investidores que, em últi-

ma instância, acabam por definir os preços no mercado internacional de mineral commodities.

Com efeito, a previsão mais sensata que se pode admitir é de quanto mais tempo durar a escalada dos preços, mais difícil será o processo de ajustamento. Entretanto, como parte desta elevação está sustentada por uma demanda em forte crescimento, há prevalência de opinião de que as cotações dos metais não retrocederão aos níveis anteriores e manter-se-ão num patamar mais elevado no longo prazo, podendo suavizar em muito essa acomodação.

VII - ÍNDICES DE PREÇOS

O índice de preços por atacado (IPA), publicado na Revista Conjuntura Econômica da Fundação Getúlio Vargas (FGV), é uma média dos preços dos produtos mais importantes comercializados no país, cuja ponderação está fundamentada no valor adicionado ou, quando

este não pode ser apurado com facilidade, no valor da transformação industrial. Importa registrar que 60% da variação do Índice Geral de Preços (IGP), também calculado pela FGV, advém do que ocorre com o IPA.

ÍNDICE DE PREÇOS POR ATACADO (IPA) – OFERTA GLOBAL (OG) – AGO/94 = 100 (BASE)

PERÍODO	IPA-OG (TOTAL DA OFERTA)			INDÚSTRIA EXTRATIVA MINERAL			MINERAIS NÃO METÁLICOS			FERRO, AÇO E DERIVADOS			METAIS NÃO FERROSOS		
	ÍNDICE	$\Delta\%^1$	$\Delta\%^2$	ÍNDICE	$\Delta\%^1$	$\Delta\%^2$	ÍNDICE	$\Delta\%^1$	$\Delta\%^2$	ÍNDICE	$\Delta\%^1$	$\Delta\%^2$	ÍNDICE	$\Delta\%^1$	$\Delta\%^2$
2005	352,11	–	5,57	348,92	–	7,00	271,87	–	0,86	491,35	–	18,34	335,81	–	8,03
1º SEM 2005	356,14	10,98	2,88	345,01	9,28	2,53	274,67	3,95	-0,07	508,98	40,00	9,02	340,15	14,26	4,98
2º SEM 2005	348,58	0,69	-2,12	350,89	4,28	1,70	269,59	-1,91	-1,85	474,94	1,73	-6,69	333,21	2,84	-2,04
1º SEM 2006	350,60	-1,56	0,58	357,76	3,70	1,96	274,51	-0,06	1,82	461,03	-9,42	-2,93	372,02	9,37	11,65
JAN/06	351,99	-0,24	0,80	358,65	5,18	1,41	272,15	-1,66	0,84	458,99	-9,26	-0,66	347,88	2,98	2,83
FEV/06	351,56	-0,75	-0,12	353,25	6,09	-1,51	272,14	-1,19	0,00	458,55	-10,17	-0,10	352,73	4,31	1,39
MAR/06	348,70	-2,67	-0,81	348,44	3,05	-1,36	272,79	-0,32	0,24	455,00	-10,88	-0,77	351,23	2,30	-0,43
ABR/06	348,16	-3,14	-0,15	349,44	-1,43	0,29	275,46	0,55	0,98	458,67	-10,18	0,81	364,18	5,79	3,69
MAI/06	349,75	-1,73	0,46	359,79	0,36	2,96	276,74	1,16	0,46	463,42	-8,68	1,04	393,71	16,77	8,11
JUN/06	353,45	0,09	1,06	376,96	5,70	4,77	277,75	2,26	0,36	471,55	-6,00	1,75	422,41	28,10	7,29

Fonte: Conjuntura Econômica (FGV) apud in Ipeadata (<http://www.ipeadata.gov.br>). Notas: Para detalhes metodológicos ver <http://www2.fgv.br/>; $\Delta\%^1$ = variação em relação ao mesmo período do ano anterior; $\Delta\%^2$ = variação em relação ao período imediatamente anterior.

Sobre o primeiro semestre de 2006, depreende-se da tabela acima que:

(a) Os preços no atacado em geral apresentaram um viés de redução ao longo do primeiro semestre de 2006 quando se compara o mesmo mês de anos diferentes ou quando se utiliza como referência o primeiro semestre de 2005. Esta afirmação não permanece verdadeira na confrontação de períodos subsequente, uma vez que apenas fevereiro, março e abril tiveram decréscimo de preços e houve alta em relação ao segundo semestre de 2005.

(b) A indústria extrativa mineral (incluindo petróleo e gás) observou elevação de preços na maioria dos meses no primeiro semestre deste ano (as exceções foram fevereiro e março na comparação entre meses contíguos e abril, pelo critério de meses iguais em anos diferentes). Da mesma forma, o nível de preços médio dos seis primeiros meses de 2006 superou os patamares de ambos os semestres do ano anterior.

(c) Para o grupo dos minerais não-metálicos, houve arrefecimento de preços no primeiro trimestre de 2006, com forte recuperação

nos três meses seguintes, resultando num comportamento semestral neutro pelo método de confrontação de períodos iguais de diferentes anos. Analisando as variações mês a mês, encontra-se uma tendência suave de ascensão, com taxas sempre inferiores a 1% ao mês.

(d) Há uma significativa retração de preços do ferro, aço e derivados. Infelizmente, este índice mistura um bem mineral (Fe) com outros já transformados (aço e derivados de ferro), não permitindo discernir de que forma cada um contribuiu para o comportamento verificado.

(e) Os metais não-ferrosos obtiveram um forte viés de alta, não endossado apenas pelo desempenho dos preços no mês de março.

(f) Em sua maioria, os bens minerais estão contrariando o movimento de diminuição de preços constatado na análise do IPA-OG. Logo, seu impacto sobre o IGP é no sentido de elevação do nível geral de preços da economia.

MINERAL COMMODITIES - ÍNDICE DE PREÇOS

ÍNDICE DE PREÇOS PARA AS COMMODITIES MINERAIS¹ - JAN/02 = 100 (BASE)

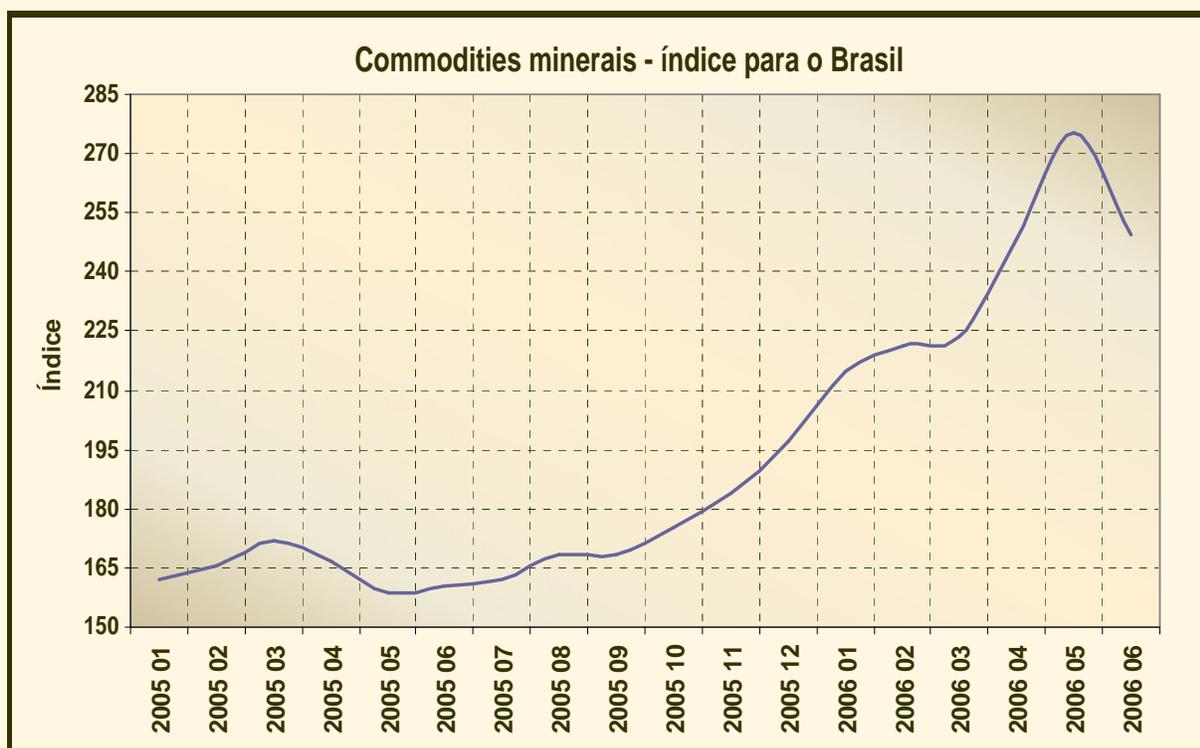
PERÍODO		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	1º SEM	2º SEM
2006	ÍNDICE	215,19	221,39	223,59	248,22	275,51	249,33	238,87	-
	$\Delta\%^1$	32,80	33,73	30,20	48,83	73,75	55,30	45,48	-
	$\Delta\%^2$	9,27	2,88	0,99	11,02	10,99	-9,50	35,76	-
2005	ÍNDICE	162,04	165,55	171,73	166,78	158,57	160,55	164,20	175,95
	$\Delta\%^1$	28,71	24,70	28,49	23,18	22,49	21,97	24,90	27,34
	$\Delta\%^2$	12,25	2,17	3,73	-2,88	-4,92	1,25	18,84	7,16

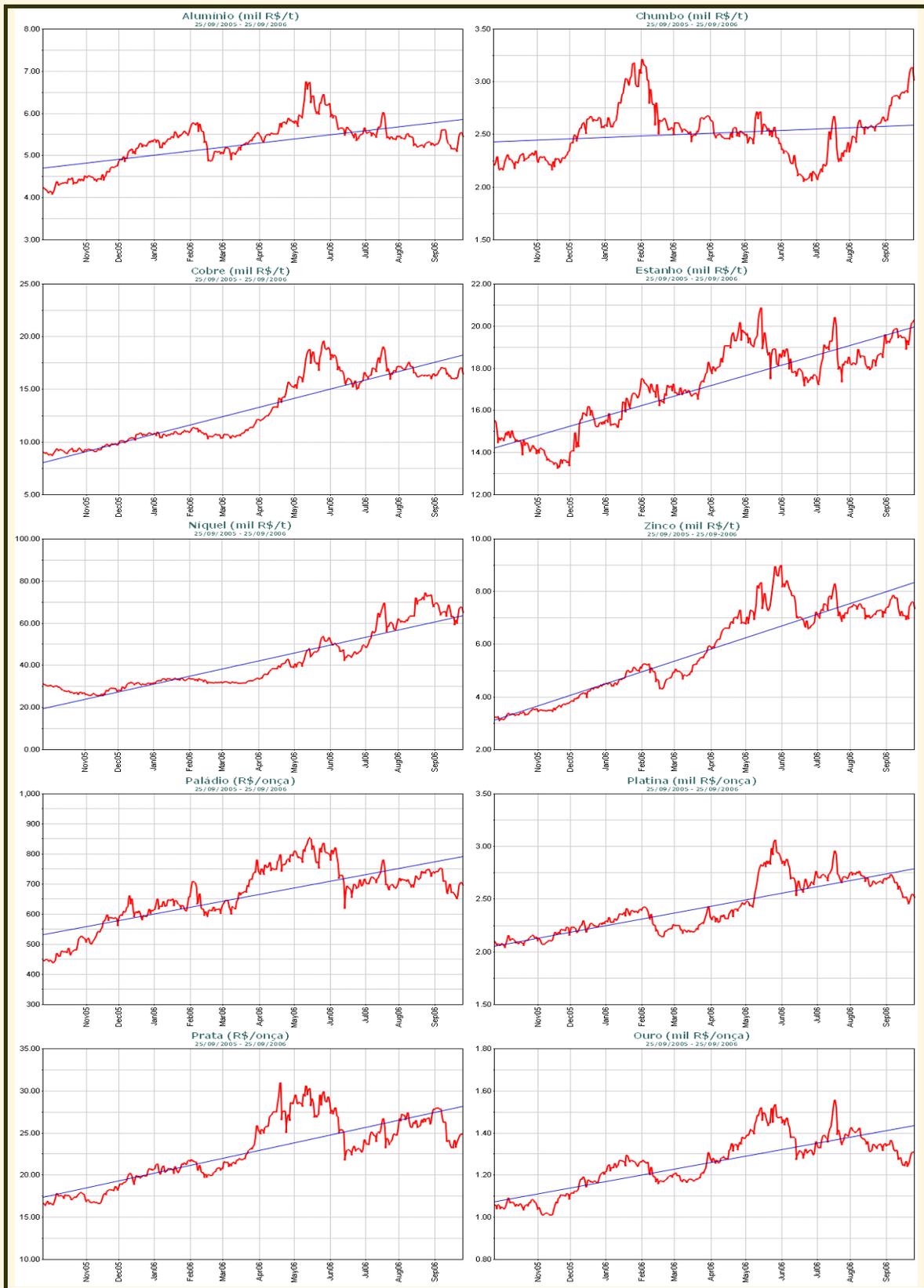
Fonte: Ipeadata (<http://www.ipeadata.gov.br>). Notas: Para detalhes de metodologia ver Nota Técnica Publicada no Boletim Conjuntural n.69 Junho de 2005. IPEA; $\Delta\%^1$ = variação em relação ao mesmo período do ano anterior; $\Delta\%^2$ = variação em relação ao período imediatamente anterior.

Outro indicador relevante é o índice de preços para as *commodities* minerais, elaborado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Ele é calculado com base nos preços internacionais de alguns metais (alumínio, cobre, ferro, chumbo, estanho e zinco), os quais são ponderados pelo seu respectivo IPA (Índice de Preços por Atacado). Este índice tem o propósito de revelar o impacto das cotações em bolsa sobre o nível de preços brasileiro no curto prazo.

Observa-se, na última tabela, que os preços internacionais contribuíram para a majoração do nível interno de preços dos minerais durante todo o primeiro semestre de 2006, exceto no mês de junho, quando o mercado ensaiou um ajuste que prossegue moderado neste segundo semestre.

No gráfico a seguir, atesta-se que as cotações ponderadas que compõem o índice crescem quase ininterruptamente entre janeiro de 2005 e junho de 2006.





Fonte: LME (London Metal Exchange) apud in web site InfoMine (<http://www.infomine.com>).

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.